



Mozart Damasceno, o bom burguês

GERALDO DE MAJELLA

Edições  Bagaço

Dedico este livro a
Péricles de Araújo Neves, Maria Augusta
Miranda (Marinete), Manoel Barnabé de Lima,
José e Joaquim Costa, Vitor, Napoleão e Antonio
Moreira, Beroaldo Maia Gomes Rego, Dilson
Aragão, Maurício Gondim, Odilon de Souza
Leão, José Sá Cavalcante, Abrahão Fidelis de
Moura, Sebastião Marinho Muniz Falcão,
Claudio e Claudenor Albuquerque Lima, Ernani
Maia Lopes, Manoel (Maninho) Calheiros.

Orelha

Parodiando em tonalidades de inversão o ditado fascista propagado amiúde nos noticiários de TV (e nos gabinetes de algumas autoridades públicas do Brasil) contra os marginalizados do sistema, “burguês bom é o burguês morto”, explico em seguida a inversão, para não soar nas mentes de alguns como sendo eu mais um que entoava a cantiga da violência que assola Alagoas: não sou adepto do extermínio pontual dos burgueses, mas sim da destruição do metabolismo de reprodução do capital que propicia sua existência, pois com o cancelamento da reprodução da ordem capitalista, com a falta da razão de ser da propriedade privada, a burguesia, o latifúndio e a própria classe proletária serão extintos. Não haverá mais diferenças fundamentais de classe. Burguês bom é o burguês que anseia pela sua própria destruição, pois sabe que sobrevive, acumula riqueza e tem acesso a benesses da civilização ocidental apenas por estar no lado explorador da relação capital-trabalho, e não por ter sido escolhido pela fortuna divina (sic).

De alguma forma, o título deste livro faz jus a Mozart Damasceno porque localiza a forma como ele se inseriu nesta longa e generosa tradição que remonta a Karl Marx e Friedrich Engels, a partir de sua militância comunista num Brasil interiorano de arcaísmos que se reiteram, e que para alguns é pré-moderno, pré-fabril, pré-urbano, o que faria, segundo o senso comum, com que não comportasse este tipo de experiência comunista, de esquerda. Como já ponderava o historiador inglês Edward Thompson, quando a realidade não se encaixa no modelo produzido para se entender o objeto, é o modelo que deve ser abandonado e não a realidade. O comunismo engendrado na realidade canavieira nordestina – claro, comportando um espectro de tendências mais ou menos variadas – não poderia ser muito diverso do que aparece na vida e na obra de Damasceno. Para entendê-lo, os esquemas prontos dos pesquisadores é que devem ser reformados.

A Geraldo de Majella, numa continuidade do projeto iniciado com a publicação das memórias do sindicalista e comunista Rubens Colaço, cabe o mérito da realização de mais esta entrevista (realizada junto com outros jovens militantes na reabertura da década de 1980), aliada a pesquisa intensa que se revela nas notas de pé de página para tornar o texto mais claro ao leitor, e ao levantamento de recursos financeiros para publicação de mais este depoimento ímpar para entendermos a história recente a partir de dentro de suas fimbrias, pelo olhar de alguns de seus personagens privilegiados.

Oswaldo Maciel, historiador

Prefácio

História se conta, se aprende e se ensina de várias maneiras. Este livro narra a história de Mozart Damasceno (1925-87), próspero comerciante alagoano natural e morador de Murici que, durante a maior parte de sua vida adulta, foi militante convicto do Partido Comunista Brasileiro (PCB). A história é narrada pelo próprio Mozart, provocado por uma entrevista conduzida, entre outros, por Geraldo de Majella.

Pela prosa divertida de Mozart o leitor vai tomando conhecimento de aspectos importantes da história do PCB em Alagoas. Conhece de perto alguns de seus militantes, tanto dirigentes como membros anônimos do partido, alguns deles figuras que parecem saídas de algum romance. Conhece o autoritarismo do PCB estalinista. Trava contato com as intrincadas e por vezes contraditórias alianças políticas do PC alagoano, e com a dificuldade que o próprio partido tinha para aplicar essas alianças nos municípios, regidos por interesses locais.

Guiado pelo realismo da linguagem oral, o leitor compreende as dificuldades para estruturar o PCB em Alagoas, assim como sente a violência da repressão aos comunistas, num estado controlado pela conservadora oligarquia açucareira. Entre outros exemplos, Mozart relembra o impressionante assassinato de Paulo Cardoso em Murici, assim como as palavras do político Pedro Timóteo, que foi prefeito daquela cidade e deputado estadual: “Hoje o sangue dá no meio da canela em Murici, mas o Partido não faz esse comício”.

O leitor participa do golpe de 1964 em Alagoas, acompanhando as prisões de vários esquerdistas, entre eles a do próprio Mozart. Prisão narrada em detalhes, com passagens dramáticas, ao lado de outras muito divertidas. E viaja junto com Mozart Damasceno e seus amigos até a Moscou dos anos 50 — com direito a escalas em Viena e Paris —, numa jornada à pátria do socialismo, durante evento dos partidos comunistas do mundo todo, financiada... pelo próprio Damasceno! E que incluiu até a venda de um certo relógio a um jovem russo... Mais não conto.

Por meio da linguagem leve, viva, que se movimenta ao sabor da memória, o leitor apreende os fatos e a ambiência da ainda insuficientemente conhecida história do PCB em Alagoas. E o faz de um ângulo pouco explorado pela historiografia, no entanto fundamental para a história do Partido Comunista no Brasil: a dos militantes burgueses, como foi Mozart Damasceno. Ao lado dos militantes profissionais, muitos deles clandestinos, o PCB contou sempre com figuras com o perfil de Mozart: homens de classe média, classe

média alta ou da elite que abraçavam ideias comunistas, porém mantinham uma vida legal, relações familiares, atividades econômicas, inserções sociais e contatos políticos, conservando inalteradas suas atividades cotidianas, situação que só se romperia após o golpe de 1964. Esses “burgueses comunistas” foram essenciais, tanto para o financiamento do partido como para o estabelecimento de seus vínculos com a sociedade. Onde estivessem, os “bons burgueses” tornavam-se contatos privilegiados do partido, seus apoios financeiro e estrutural, sem os quais teria sido impossível para a organização prosseguir.

A situação de “burguês comunista” de Mozart Damasceno gerou situações estranhas, quase surreais, porém profundamente esclarecedoras do que eram a sociedade brasileira e o PCB, conforme se lê nesta narração de Mozart, sobre como saiu preso de Murici para Maceió:

“Isso eu dizendo ao Barrinhos [delegado de polícia Albérico Barros, que acabara de deter Mozart Damasceno em Murici, após o golpe de 1964]: eu me dou com o padre, me dou com o usineiro, me dou com o prefeito que, aliás, é meu amigo”. Barrinhos perguntou: “O senhor podia mandar chamar o prefeito?”. Eu falei: “Chamo, e ele vem”. Então mandei chamar, e o Cauby [Cauby de Freitas, prefeito de Murici] veio. Ele disse: “Cauby, você poderia levar o Damasceno para Maceió? Eu não queria sair com ele preso daqui etc.”. E combinou de se encontrar com a gente na casa do Cauby, para da casa do Cauby nós partirmos”.

Mozart Damasceno explicou assim sua adesão ao comunismo, que conheceu ao ler o livro “O Poder Soviético”: “Sou comerciante, mas tenho um mérito de ter essa mentalidade privilegiada. Eu procurei uma senda da verdade. A senda que olha os caminhos que o povo precisa compartilhar. Aqueles que trabalham precisam usufruir do resultado do seu trabalho, e o capitalismo é um sistema concentrador de renda, que não reparte”.

Em 1984, a cinco anos da queda do Muro de Berlim, o antigo militante reafirmava sua mesma velha crença no futuro do socialismo:

“... até hoje eu não me arrependo do que fiz, do que pensei, do que escrevi. Realmente é o pensamento que vai prevalecer no futuro [o marxismo]. A cada dia, países vão entrando na órbita do socialismo, porque está provado que a burguesia não resolve os problemas da humanidade”.

Este livro é um exemplo da importância, bom uso e múltiplas possibilidades da história oral para o conhecimento do tempo presente e da história recente do país. O que hoje constitui o livro Mozart Damasceno, o bom burguês nasceu, conforme explica Geraldo de Majella em nota, de uma entrevista realizada com Mozart, por Majella e outras pessoas, em 1984, para a constituição de um arquivo do Partido Comunista Brasileiro em Alagoas.

Logo degravada, isto é, transformada em texto escrito, a entrevista somente mais de vinte e cinco anos depois foi editada e utilizada, de forma diversa da originalmente prevista, pelo autor deste livro. Portanto uma fonte oral, construída por várias pessoas (Mozart Damasceno e seus entrevistadores, entre eles Majella), obtida com determinado objetivo, transformou-se em fonte escrita — processo que provoca necessariamente mudanças e interpretações do documento original, como a supressão das entonações de voz e dos gestos, típicos da linguagem oral, além do acréscimo de recursos próprios da linguagem escrita, como parágrafos, pontuação etc.

Tempos depois, esta fonte escrita foi apropriada por um dos autores da confecção da fonte oral, o próprio Majella, com vistas à elaboração de um livro, centrado na figura de Mozart Damasceno e nos eventos da história recente de Alagoas, dos quais Mozart participou. A passagem de texto para livro implica também mudanças e interpretações no documento original, como o surgimento de capítulos, notas, determinado tamanho de página, capa, impressão, circulação entre muito mais leitores etc.

Assim é produzida a história: processo dinâmico de constante construção, interpretação, reinterpretação, reapropriação, transformação e cruzamento de fontes de diversos tipos (orais, escritas, fotográficas, plásticas etc.). Essas mesmas fontes, por sua vez, são fruto de determinadas circunstâncias históricas, dos agentes, interesses, objetivos e técnicas nelas envolvidos, como foi o caso da entrevista que deu origem a este livro, nascida de vontades, trabalho, interferências e interpretações de diversas pessoas. As próprias fontes, portanto, já são fruto de um longo processo histórico, longe estando de poder ser consideradas “neutras”.

Ao fazer a edição da entrevista escrita, que constitui o texto deste livro, Geraldo de Majella realizou trabalho cuidadoso. Dividiu o texto original em seis temas, os atuais capítulos do livro, construídos segundo duplo critério: biográfico – da formação de Mozart Damasceno até o ano da entrevista – e por assunto, segundo sua importância tanto para a história de Alagoas e do Brasil, como para a existência de Mozart. Numerosas e úteis notas acompanham o texto, explicitando as referências biográficas, geográficas, históricas etc. presentes na entrevista, o que permite, mesmo a pessoas que não conhecem

Alagoas e sua história, entender o texto. Majella, aqui, realizou excelente trabalho de historiador, sobre a fonte que ele próprio ajudara a produzir.

O resultado demonstra também como, a partir das experiências, sentimentos e pensamentos de um único indivíduo – no caso, Mozart Damasceno e sua rica trajetória de vida, profundamente inserida na história de seu tempo –, torna-se possível, graças ao trabalho minucioso e bem-feito do historiador, compreender toda uma época histórica.

Mozart Damasceno, o bom burguês vem se somar aos outros livros de Geraldo de Majella: *Caderno da Militância: histórias vividas nos bastidores da política*, Maceió, Edufal, 2006; *Execuções Sumárias e Grupos de Extermínio em Alagoas (1975-1998)*, Maceió, Edufal, 2006; e *Rubens Colaço: Paixão e Vida – A trajetória de um líder sindical*, Recife, Edições Bagaço, 2010. No conjunto, uma obra coerente, centrada na história do PCB, particularmente em Alagoas, e no estudo das trajetórias de seus militantes, homens e mulheres que um dia acreditaram em um mundo melhor e lutaram por ele. Se não fossem estudos como os de Geraldo de Majella, esses militantes permaneceriam esquecidos. Graças a livros como este, ganham voz e entram para a história.

Mas, esperem: o historiador Geraldo de Majella não para. Parece que vem por aí um Dicionário dos comunistas alagoanos...

Janaína Amado, historiadora

Nota Introdutória

Mozart Damasceno, o mecenas dos comunistas, uma figura singular.

O depoimento prestado pelo empresário alagoano em 1984, foi transformado no livro Mozart Damasceno, o bom burguês, vinte e sete anos depois da gravação e 24 após a sua morte, agora vem a público. O livro é resultado de uma série de entrevistas realizadas durante a década de 1980, com antigos militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), em Alagoas. O objetivo desse trabalho era coletar documentos tais como fotografias, manuscritos, recortes de jornais e também o registro oral dos velhos militantes, fossem dirigentes em qualquer nível ou não, a partir desse trabalho de campo de posse da documentação seria constituído o arquivo do PCB alagoano.

Deu-se início o trabalho de formação do acervo do que seria o arquivo dos comunistas alagoanos. A documentação levantada seria catalogada e disponibilizada para os pesquisadores e também para a militância, mas para tanto o registro oral, na constatação de que encontraríamos muito pouca coisa com os velhos militantes, o trabalho passou ser focado na gravação do depoimento oral. O tempo nos deu razão e o que se conseguiu registrar aтем significativo valor histórico para a escrita de uma história dos comunistas em Alagoas, bem como da história dos partidos políticos nessa unidade da federação.

O trabalho de organização do arquivo do PCB de Alagoas, foi coordenado por Cristina Amélia Pereira e por mim, passados mais de duas décadas, o material organizado vem se transformando em livros e estão sendo publicados, o primeiro foi Rubens Colaço: Paixão e vida – A trajetória de um líder sindical, pela Edições Bagaço, 2010, p. 252.

O comerciante, mecenas, ecologista e prático em manipulação de ervas medicinais, Mozart Verçosa Damasceno, foi uma das figuras humanas mais bonita que conheci e não errarei em dizer que os que o conheceram e conviveram com ele também hão de confirmar.

A fonte das suas ações políticas foi, desde a juventude, no final da década de 1940, o Partido Comunista Brasileiro (PCB), o marxismo e os clássicos da literatura universal e nacional. Quando foi obrigado a deixar os estudos regulares que cursava em Maceió, para voltar a Murici, onde assumiria o comando dos negócios da família com o falecimento do pai, também passou a

condição de chefe da família - por ser o filho mais velho - os irmãos e as irmãs passaram a receber toda a atenção possível, todos estudaram e se encaminharam profissionalmente.

Quando em Alagoas não se falava em sustentabilidade mesmo como um conceito, na prática ele desenvolvia um trabalho de preservação ambiental e inovava com o tratamento dos resíduos sólidos, em Murici, onde em sua casa, no quintal havia uma horta com legumes e hortaliças. A produção de adubo orgânico, pela primeira vez, eu vi no seu quintal no final da década de 1970 e início dos anos oitenta. Numa época em que os conceitos de sustentabilidade, conservação do solo e reciclagem e coleta seletiva do lixo produzido pelas famílias não existia talvez em ambiente acadêmicos houvesse algum pesquisador falado para seus pares, em círculos restritos de especialistas.

A produção de remédios fitoterápicos, creio, tenha sido anterior a horta. O destino da produção dos remédios naturais era a população mais pobre da cidade. Todo o trabalho de assistência e atenção as classes sociais da população da sua Murici, logo se transformou numa prática saudável de relacionamento com o povo, isso quando ainda não existia um serviço público de atendimento médico estruturado, a exemplo do Sistema Único de Saúde (SUS), farmácia popular como existe hoje ou o Programa de Saúde da Família (PSF).

Toda essa atividade social desenvolvida por Mozart Damasceno, nunca houve qualquer intuito de utilização eleitoral, pessoal ou de qualquer natureza, que não fosse a do humanismo.

Outra atividade estimulada com frequência era a difusão da leitura entre os jovens. A sua biblioteca não se prestava apenas para o seu deleite pessoal, tinha uma outra finalidade, de cunho social, pois servia aos jovens que não dispunha de livros. Sem qualquer formalidade foi instituído um sistema de empréstimo de livros na cidade.

Mozart, antes do empréstimo do livro fazia uma discussão previa com cada um dos leitores, era uma obrigatoriedade sem que houvesse previamente qualquer imposição. Esse método fez nascer círculos de leitores na cidade e o resultado dessas sessões de leituras foram sendo revelados novos leitores.

A figura diferenciada de empresário, nascido e formado no interior de Alagoas, contribuiu numa fase da vida do PCB enormemente pela sustentação que deu financeiramente. Mais que isso, a sua presença totalmente desvinculada das disputas internas no partido, cresceu, ainda mais, para mim como pesquisador e seu amigo.

A história do PCB em Alagoas vem sendo revelada através de seus militantes e de suas atividades políticas, sociais e culturais. O trabalho iniciado, nos primeiros anos da década de 1980, irá contribuir para que seja

escrita a história dos comunistas, seção alagoana, a partir dos seus militantes de bases, dos que na maioria das vezes são esquecidos pelos historiadores, que em geral costumam cultuar as personalidades, os dirigentes, condenando a maioria dos militantes e dirigentes de base.

Se todo o trabalho de resgate da história do PCB se resumisse aos dois depoimentos o de Rubens Colaço e Mozart Damasceno, transformados em livros, me sentiria satisfeito, acontece que além desses dois teremos outros.

Mozart Damasceno, o bom burguês nesse aspecto vem a público registrando uma parte de nossa rica trajetória de lutas.

Geraldo de Majella, historiador

Sumário

Prefácio: Janaina Amado

1º Capítulo

Formação e militância política

2º Capítulo

A política local e seus desdobramentos

3º Capítulo

O golpe militar e as prisões em Alagoas

4º Capítulo

Viagem a união Soviética

5º Capítulo

O financiador dos comunistas

6º Capítulo

Encontros com Luis Carlos Prestes

Mozart Damasceno, o bom burguês¹

1º Capítulo

Formação e militância Política

Isso aqui é uma zona de latifúndio. É uma zona da “pesada”, sabe? Terra cercada de usinas. Eu sempre notei a dificuldade do Partido se estruturar aqui, inclusive para fazer um comício.

Bem, vamos começar logo com os dados pessoais. Qual seu nome completo e o dia do seu nascimento?

Mozart Verçosa Damasceno², nascido em 19 de outubro de 1925, aqui, em Murici³.

¹ O depoimento gravado com o comerciante e militante comunista Mozar Verçosa Damasceno, ocorreu no dia 12 de julho de 1984, em sua residência, na cidade de Murici (AL). Estiveram presentes, Geraldo de Majella e Cristina Amélia Pereira, nessa época estavam empenhados na coleta e organização de documentos que fariam parte de um arquivo do Partido Comunista Brasileiro, em Alagoas. Estiveram presentes, acompanhando os trabalhos e contribuindo com perguntas, Alex Miranda de Miranda, Sandra Bispo e Lauro Kleber Teixeira. Em 1984, Geraldo de Majella, era membro do diretório estadual do PCB, Cristina Amélia Pereira, do diretório municipal de Maceió, Alex Miranda, do diretório estadual, Sandra Bispo, do diretório de Maceió e Lauro Kleber Teixeira, militante do PCB em Anadia (AL). A entrevista foi degravada por Sandra Bispo, dias após a realização da gravação realizada nesse mesmo ano, 1984. A edição ocorreu 26 anos após e foi feita por Geraldo de Majella, entre novembro de 2010 e março de 2011.

² **Mozart Verçosa Damasceno** [1925-1987], comerciante, nasceu no dia 19/10/1925, na cidade de Murici (AL), filho de Hermes Hernesto Damasceno e Maria do Carmo Verçosa Damasceno, dos oito filhos que teve, Mozart é o primogênito, os demais são: Delane [1926-1998], militar aposentado; Eraldino [1928], militar aposentado e gerente comercial; Eraldina [1930], dona de casa; Carlita [1937-2007], professora; Clementino [1934], funcionário público; Hermes [1936-2009], militar aposentado e comerciante e Maria Theresa [1940], professora, bancária e corretora. Foi casado com Isaltina Amazonas, dona de casa, não tiveram filhos. Estudou no Colégio Batista Alagoano em Maceió, onde cursou o antigo curso ginasial e colegial, mas em função do falecimento do pai, sendo o filho mais velho, parou os estudos e voltou para Murici, para administrar os negócios da família. Atividade onde se destacou e fez prosperar o empreendimento comercial, alcançando um patamar de destaque em toda a região do Vale do Mundau. Faleceu no dia 02 de junho de 1987, tendo sido sepultado em sua cidade natal, Murici.

Falando da sua militância, no início, com quem você teve os primeiros contatos dentro do partido?

Foi com um cearense. Ele era um viajante, vendia tecidos. Vinha falando do livro *O Poder Soviético*, de mister Giulette Jonhson.

Em que época?

Em 1945, no pós-guerra. Ele falou para mim e para várias pessoas que estavam presentes e impressionou. Ele falava sobre o Poder Soviético, as conquistas do socialismo. Depois, teceu uma série de considerações sobre a mudança de vida que houve na União Soviética. A pobreza existente antes, a tuberculose predominante, a miséria mais cáustica, mais violenta e depois, da conquista do poder pelos operários russos e camponeses. Ele tecia considerações sobre o progresso extraordinário, sobre a transformação que estava ocorrendo na União Soviética. Aquilo me impressionou! Eu nunca pensei que fosse possível uma coisa daquelas. Então eu disse a ele: “Esta história que você está contando, onde você leu”. Ele respondeu: “Eu li no *O Poder Soviético*, um livro que saiu agora”. Tomei as informações, comprei o livro e verifiquei aquela coisa extraordinária que ocorreu: a transformação da Rússia, o país dos soviets.

Esse livro era de quem?

De mister Giulette Jonhson, o nome parece que é este. Faz tantos anos que li!

Era americano?

³ **Murici**, cidade situada a 45 km de Maceió (AL), esta localizada na microrregião da Mata Alagoana e mesorregião do Leste Alagoano. Base econômica: agricultura e agro-indústria da cana-de-açúcar. O município produz cana de açúcar em larga escala, a pecuária também é explorada, bem como as culturas de subsistência que são cultivadas em diversos assentamentos de agricultores familiares do Programa Nacional de Reforma Agrária.

Parece que era inglês. Eu passei a me interessar pelas idéias do socialismo, até hoje.

Em 1945, o que você fazia?

Em 45 eu estava comercializando tecidos de estivas.

Em Murici?

Sim. Eu tinha saído do colégio, meu pai morreu e eu vim cuidar da meninada. Eram oito meninos, os meus irmãos. Fiquei cuidando dessa gente e me interessei pela Filosofia Marxista e até hoje eu não me arrependo do que fiz, do que pensei, do que escrevi. Realmente é o pensamento que vai prevalecer no futuro. A cada dia, países vão entrando na órbita do socialismo porque está provado que a burguesia não resolve os problemas da humanidade. Na Europa já se contesta abertamente a burguesia como classe dominante, dirigente, porque através da direção da política burguesa, da política petrolífera, imperialista como se diz, o mundo já foi a duas guerras mundiais, com prejuízos para toda a humanidade, principalmente para a classe operária, para os pobres, para aqueles que trabalham e que sofreram o dia-a-dia da luta.

Como foi o seu primeiro contato em Alagoas com o PCB?

Foi através do Jayme Miranda⁴, meu camarada de infância, de pelada, de praia; e também de Nilson Miranda⁵. Foi através dessa rapaziada que eu fiz

⁴ **Jayme Amorim de Miranda [1926-1975]** jornalista, advogado, político, ex-militar, nasceu em Maceió. Filho do casal Manoel Simpício de Miranda e Hermé Amorim de Miranda. Prestou concurso para a escola de sargento do exército, foi aprovado, serviu em Minas Gerais em meados da década de 1940. Trabalhou na área administrativa da Cooperativa dos Usineiros de Alagoas, trabalhou também como revisor do antigo *Jornal de Alagoas*, órgão da cadeia de jornais dos Diários Associados e do *A Notícia*. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de Alagoas, militava clandestinamente no PCB, em Alagoas. Na década de 1950, assumiu com outros jovens e alguns veteranos militantes comunistas, a direção do semanário *A Voz do Povo*. É detido pelo exército, por causa de um discurso feito, em praça pública, contra o governador que estava tomando posse, o jornalista Arnon de Mello. Pernoita no quartel do 20º Batalhão de

os primeiros contatos com o Partido. E nunca mudei de partido (risos). Não gosto de mudar. Nesse ponto, sou conservador (mais risos). Eu tenho a impressão de que não mudarei nunca. Vou até o fim. Faço como Graciliano Ramos⁶. Tem um trabalho muito interessante sobre ele, agora, neste último

Caçadores (20º BC), sendo solto no dia seguinte pelo coronel Mário Lima, comandante da guarnição federal em Alagoas e seu padrinho de batismo. Em função das perseguições políticas que se intensificaram, deixa clandestinamente Maceió e passa a atuar no PCB em Recife, onde é preso pela polícia política, torturado, em seguida é transferido para Maceió, onde ficou mais de um ano preso. Fato ocorrido durante o governo do jornalista Arnon de Mello. Representou os comunistas alagoanos, em 1960, no V Congresso do PCB, sendo eleito para a direção nacional. Nas eleições de 1961, é candidato a deputado estadual, ficando na primeira suplência. Participou das comemorações do primeiro aniversário da Revolução Cubana, em Havana. Esteve em companhia de Mozart Damasceno, Edler Lins e Napoleão Moreira, no Festival Mundial da Juventude, realizado na Suíça em 1959; depois do evento o grupo viajou por vários países do Leste europeu. No dia 1º de abril de 1964, o jornal *A Voz do Povo* foi destruído, seus bens foram furtados, seus colaboradores foram presos, inclusive o diretor-geral, Jayme Miranda. Ao sair da prisão, não demorou muito tempo em Maceió, passou a viver na clandestinidade, indo morar no Rio de Janeiro com a família. Realizou algumas viagens internacionais como dirigente nacional do PCB, mas em 1975 foi seqüestrado pelos órgãos de repressão. Nunca mais foi visto. Faz parte da relação dos desaparecidos políticos do Brasil. Nessa época integrava a Comissão Executiva do Comitê Central do PCB.

⁵ **Nilson Amorim de Miranda [1933]**, jornalista, radialista e político, nasceu em Maceió. Filho do casal Manoel Simplicio de Miranda e Hermé Amorim de Miranda. Ex-editor do semanário *A Voz do Povo*, ex-vereador de Maceió pela legenda do Partido Social Progressista – PSP. No final da década de 1950 foi um dos articuladores para que fosse fundado o Sindicato dos Radialista de Alagoas, sendo eleito o primeiro presidente. Quando eclodiu o golpe militar em abril de 1964, entrou na clandestinidade, tendo de evadir-se de Alagoas, pois passou a ser procurado pela polícia. Sua cabeça foi posta a prêmio. Viveu clandestino muitos anos no Brasil, mas em meados da década de 1970, exilou-se na Europa, vivendo nas cidades de Moscou, Paris e Lisboa. Desembarca em Alagoas, alguns meses antes da lei da Anistia ser aprovada pelo Congresso Nacional, o que só ocorreu em 25 de agosto de 1979. Na condição de anistiado político foi reintegrado as suas antigas atividades como jornalista e radialista da Rádio Difusora de Alagoas. Não demorou, foi eleito dirigente do Sindicato dos Jornalistas e Radialistas e em seguida foi eleito tesoureiro da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Comunicação e Propaganda – Contcop, com sede em Brasília. Integrou a redação do jornal *Correio Sindical* de São Paulo, órgão dos comunistas voltado para o movimento sindical. Trabalhou, ainda, como repórter nos jornais *Tribuna de Alagoas* e *Correio Brasiliense*. Foi candidato a deputado estadual por duas vezes, mas não conseguiu se eleger. Com a legalidade do PCB, em 1985, se candidatou a prefeito de Maceió. Fez uma campanha de afirmação da sigla; obteve pouco mais de mil votos.

⁶ **Graciliano Ramos de Oliveira [1892-1953]**, romancista, contista, revisor, tradutor, político, ex-prefeito de Palmeira dos Índios, nasceu em Quebrangulo (AL), filho de Sebastião Ramos de Oliveira [1860-1934] e Maria Amélia Ramos [1878-1920], é eleito prefeito de Palmeira dos Índios(AL), em 7 de outubro de 1927, toma posse em 7 de janeiro de 1928 e renuncia o cargo em

jornal⁷. Graciliano foi coerente até o fim. Havia como dizem: discrepâncias. Mas quem não as tem? Eu penso que para sempre com o meu Partido eu fico.

Podia discordar no varejo, mas no atacado...

Pois é, no grosso, no atacado...

Já que em 45 o PCB foi legalizado e, nessa época, as grandes figuras do partido não eram o Jayme, o Nilson e nem o Rubens Colaço⁸, mas André Papini⁹, José Maria Cavalcante¹⁰, Moacir Rodrigues de Andrade¹¹ ...

10 de abril de 1930. É nomeado diretor da imprensa oficial do estado de Alagoas, no dia 31 de maio, pelo governador Alvaro Paes. Demiti-se do cargo em 31 de dezembro de 1931. Em 1933, no dia 18 de janeiro, é nomeado diretor da Instrução Pública do estado de Alagoas, cargo equivalente ao de secretário de educação. É preso, acusado de ser comunista, no dia 3 de março de 1936, é levado de Maceió para Recife, com outros presos, alguns comunistas outros não, em seguida, num porão de navio vai ser encarcerado no Rio de Janeiro, sendo solto no dia 3 de janeiro de 1937, sem que houvesse processo formal. Em agosto de 1945 se filia ao Partido Comunista Brasileiro – PCB, a convite do secretário-geral, Luis Carlos Prestes. Nas eleições constituinte de 1946, para contribuir com a chapa de candidatos a deputado federal do PCB, em Alagoas, mesmo morando no Rio de Janeiro, consentiu que o seu nome fosse incluído na relação dos candidatos comunistas a câmara federal. Em 1952, viaja para a União Soviética, Tchecoslováquia, França e Portugal. Escreveu Caetés, São Bernardo, Angústia, Vidas Secas, Infância, Insônia, Memórias do Cárcere, Linhas Tortas, Viventes das Alagoas, Alexandre e outros heróis. Morreu de câncer de pulmão no dia 20 de março de 1953, no Rio de Janeiro. Fonte: http://www.graciliano.com.br/vida_linhadotempo.html

⁷ O jornal mencionado é o semanário **Voz da Unidade**, órgão do Diretório Nacional do PCB. O jornal Voz da Unidade foi lançado em São Paulo em março de 1980 num ato político festivo. A iniciativa política de criar um jornal de massas, legal foi do diretório estadual do PCB do estado de São Paulo, alguns meses após a anistia que havia ocorrido em 25 de agosto de 1979, em seguida o grupo dirigente nacional do PCB que estava exilado em vários países da Europa e na antiga União Soviética, retornou ao Brasil. O veterano jornalista Henrique Cordeiro era o diretor responsável, o conselho editorial foi composto por: Armênio Guedes, Lindolfo Silva, Teodoro Mello e Gildo Marçal Brandão. O jornalista Gildo Marçal, era nessa época um jovem graduado em filosofia, trabalhava na redação da Folha de São Paulo. Quando a direção da FSP toma conhecimento de que o PCB havia lançado um jornal semanário e o editor-chefe era um dos seus jornalistas, o demiti. O jornal Voz da Unidade era propriedade da Editora Juruá Ltda, localizada na rua General Jardim, 918, conj. 92, São Paulo, Capital.

⁸ **Rubens Colaço Rodrigues [1930-1991]**, operário, músico, motorista de ônibus, contista, memorialista, dirigente sindical e dirigente comunista. Nasceu no povoado Poço Fundo em Santa Cruz do Capibaribe (PE), no dia 4 de abril de 1930, filho do casal José Colaço Lagos e Maria Colaço Rodrigues. O casamento gerou 15 filhos, sendo Rubens o caçula dos homens. Ainda jovem foi batizado na Igreja Batista, deixa a vida religiosa durante a juventude e se filia no Partido Comunista Brasileiro, vindo a se tornar um destacado líder sindical em Alagoas. É preso várias vezes, mas é na madrugada do dia 1º de abril de 1964, que passa os piores momentos de sua vida. Peregrinou por várias cadeias do interior de

Alagoas, foi barbaramente torturado pelo delegado Rubens Quintela, tendo as unhas arrancadas por torquês. Outras sérias conseqüências passou a sofrer a partir das sessões de tortura, inclusive as inúmeras tentativas de afogamentos a que foi submetido pelo delegado Rubens Quintela e seus comandados, no riacho Catolé em Maceió. Depois de passar vários meses preso na antiga Penitenciária de Maceió, é solto e fica obrigado a se apresentar semanalmente para assinar o livro de presença no quartel do Exército em Maceió. Assim os militares teriam certeza de que permanecia residindo na cidade, essa obrigação era para ele e para alguns outros ex-presos políticos. Sem que houvesse desconfiança deixou Maceió clandestinamente em direção ao Rio de Janeiro e em seguida embarcou para a União Soviética, onde passa dois anos estudando na Escola Internacional de Formação de Quadros do Partido Comunista da União Soviética e também cuidando da saúde que ficou bastante debilitada como conseqüências das torturas. Em 1982 se candidata a vereador em Maceió, mas não consegue se eleger, em 1985, como o PCB, legalizado é candidato a vice-prefeito, com Nilson Miranda, encabeçando a chapa majoritária. Faleceu em 11 de outubro de 1991, em Maceió.

⁹ **André Papini Góes [1908-1966]**, jornalista, advogado, ex-deputado constituinte estadual, funcionário público. Nasceu em Brejo Grande (SE), passando a viver uma parte de sua vida em Penedo (AL) e Maceió (AL). Em Alagoas, ele foi auxiliar de gabinete do interventor Hermilo de Freitas Melro e do também interventor Tasso de Oliveira Tinoco. Depois, trabalhou no Departamento Geral de Estatísticas do Estado, no Departamento de Assistência aos Municípios e no Departamento de Assistência ao Cooperativismo. Trabalhou no antigo Jornal de Alagoas; em 1946, no dia 1º de maio, foi um dos fundadores do semanário comunista *A Voz do Povo*, sendo o seu primeiro diretor. Nas eleições de 1947 foi eleito deputado constituinte estadual pelo PCB, formando pela primeira vez uma bancada parlamentar dos comunistas em Alagoas, com outros dois deputados, José Maria Cavalcante e Moacir Rodrigues de Andrade. A atuação da bancada do PCB incomodava ao governador Silvestre Péricles de Góes Monteiro, que monta uma farsa no interior de Alagoas, criando portanto um motivo para arbitrariamente prender os três deputados comunistas. Esse ato violento se estendeu a várias outras ameaças de prisões, e o governador foi além, ordenou a prisão do advogado Aristides Saldanha, que se deslocara do Rio de Janeiro para defender os deputados do PCB. Os três deputados e o advogado foram levados amarrados num caminhão e jogados no estado de Pernambuco. Quando o Tribunal Superior Eleitoral –TSE cassou os mandatos dos parlamentares comunistas no Brasil, na condição de ex-deputado e perseguido pelo atrabiliario governador se refugiou em Recife, passando a trabalhar como advogado, alguns anos depois prestou concurso para Fiscal do Imposto do Consumo, foi aprovado. É nomeado e vai trabalhar em Manaus (AM) e depois é transferido para outras cidades, por méritos foi nomeado assessor do diretor de Rendas Internas do Ministério da Fazenda. Faleceu no Rio de Janeiro, em 1966, antes que completasse 58 anos.

¹⁰ **José Maria Cavalcante [1914 -]**, militar, comerciante, ex-deputado, marítimo, advogado. Nasceu em Cajueiro (AL), casado com Maria Sales, filho de João Rocha Cavalcanti e Rosa Albuquerque. Na década de trinta entrou para o Partido Comunista Brasileiro – PCB e fez parte das articulações militares que preparavam a insurreição militar de 1935, que ficou conhecida como Intentona Comunista, foi preso e condenado a cinco anos de prisão pelo Tribunal de Segurança Nacional (TSN), cumpri a pena na Ilha de Fernando de Noronha. Ao voltar à Maceió, após cumprimento da pena, passa a atuar clandestinamente no Partido, se estabelece como comerciante no Mercado Público de Maceió, mas com a legalização do PCB em 1945, é apresentado a sociedade alagoana como secretário-geral, o principal dirigente do Partido. A sua casa na rua do Ceará, 185, no Prado, em Maceió, serviu de sede do PCB, onde foi improvisada uma escola para os operários e trabalhadores da região fossem alfabetizados condição exigida para tirar o título de eleitor. Pertencia e era dirigente de uma célula denominada de *Great Western*. Foi candidato a deputado estadual em 1947, participou da Constituinte Estadual e fez parte da bancada comunista composta por André Papini de Góis e Moacir Rodrigues de Andrade.

¹¹ **Moacir Rodrigues de Andrade**, ex-deputado na constituinte estadual de 1947, eleito pela legenda do Partido Comunista Brasileiro – PCB, compôs a bancada comunista ao lado dos deputados André Papini Góis e José Maria Cavalcante. Filho de Maanoel Xavier de Andrade e Luiza Rodrigues. Casou-se com Lygia da Silva Gusmão em 17/09/1936, no Rio de Janeiro. Participou da Revolução de 1930, sendo preso

Rapaz...

O Ezequiel Miranda¹²...

Eu conheci essa rapaziada toda, mas os meus contatos eram sempre com o Nilson Miranda. O Jayme, era muito ocupado, viajava, dirigia A Voz do Povo¹³. Com o Nilson eu saía em Maceió para tomar cerveja, conversar coisas do Partido, entende?

Em que época?

no Rio de Janeiro. Em 1947 foi eleito deputado para a Assembléia Constituinte de 1947 pela legenda do Partido Comunista Brasileiro (PCB), obtendo 441 votos. Foi preso em companhia dos outros deputados comunistas e do advogado Aristides Saldanha no governo Silvestre Péricles de Góes Monteiro. A farsa montada pelo governador para prender os deputados do PCB, causou uma grande repercussão em Alagoas e nacionalmente. Mas quando o registro do PCB foi cassado em 1947 na seqüência alguns meses depois foram cassados os mandatos seus parlamentares, não havia clima político e sequer segurança pessoal para continuar vivendo em Alagoas deixou o estado e passou a viver clandestino no Rio de Janeiro. Em 1952 foi à União Soviética, chefiando uma delegação de nove dirigentes sindicais e militantes do PCB, participar do Curso Stálin, entre os quais estavam Hércules Correia dos Reis, Moisés Vinhas, Maria Sallas, Lurdes Benain, Herundina Silva, Rolando Fratte, Geraldo Rodrigues dos Santos, José Lelis da Costa.

¹² **Ezequiel Simplicio de Miranda**, político, se tornou militante do PCB na primeira metade da década de 1930, participou das articulações em Alagoas da Insurreição Armada de 1935, que ficou conhecida na historiografia brasileira como Intentona Comunista, foi preso, processado e condenado a cinco anos pelo Tribunal de Segurança Nacional, cumpriu a pena na Ilha-Présídio de Fernando de Noronha. Pertenceu a Aliança Nacional Libertadora (ANL). Em 1947 se candidata a deputado estadual pelo PCB, para contribuir com a chapa de candidatos, obtém 42 votos. Dois outros irmãos também pertenceram ao PCB, Isaias e Tabita Miranda, os três irmãos são os pioneiros da família Miranda que a partir deles várias gerações entraram para o PCB. Os três são tios dos dirigentes comunistas Jayme e Nilson Amorim de Miranda.

¹³ **A Voz do Povo**, semanário do PCB criado em 1º de maio de 1946 e que teve como seu primeiro diretor o jornalista André Papini de Góes. O jornal dos comunistas integrou a rede nacional de Imprensa Popular. O jornal funcionou sempre em condições adversas, perseguido mesmo na fase em que o PCB estava legal. Mas em outros momentos, passou a ser impresso de forma clandestina, em Maceió, não havendo condições políticas em Alagoas passou a ser impresso em Pernambuco, na gráfica do jornal Folha do Povo, do PCB pernambucano. Durante os governos Silvestre Péricles de Góes Monteiro e Arnon de Mello foi duramente reprimido, foi empastelado várias vezes por ordem dos governadores. No governo democrático de Sebastião Marinho Muniz Falcão, *A Voz do Povo* funcionou sem que a polícia o houvesse molestado. Mas com o golpe militar de 1º de abril de 1964, o jornal foi totalmente destruído, suas máquinas e documentos foram furtadas. Os autores desses atos de vandalismo político são Luiz Cavalcante, governador que autorizou, e os executores os delegados: Rubens Quintela e Albérico Barros, conhecido pela alcunha de Barrinhos.

Isso depois de 45 até 64. Em 64 nós fomos presos, depois Jaime viajou; Nilson também emigrou.

Depois de 45, o Partido conseguiu se estruturar aqui em Murici?

Ah, não! Isso aqui é uma zona de latifúndio. É uma zona da “pesada”, sabe? Terra cercada de usinas. Eu sempre notei a dificuldade do Partido se estruturar aqui, inclusive para fazer um comício. O Jayme veio na marra! Pedro Timóteo¹⁴, que era o cacique político daqui, líder do governo na Assembléia Legislativa, disse: “Hoje o sangue dá no meio da canela em Murici, mas o Partido não faz esse comício”. Pra você ver! Pra fazer um comício, numa época de eleição, com coligações burguesas (pois o candidato era o Leão).

Joaquim Leão¹⁵?

Não, Joaquim Leão, não. Era o Leão de Pernambuco. Odilon Leão¹⁶, se não me engano, de uma família de Pernambuco.

¹⁴ **Pedro Timóteo** [1921-1987], foi prefeito de Murici (AL), deputado estadual e teve os direitos políticos cassados durante a ditadura militar, a sua base eleitoral estava localizada na cidade de Murici e adjacências. Ficou caracterizou como um político violento.

¹⁵ **Joaquim de Barros Leão** [1895-1976], comerciante, político, deputado estadual, prefeito de Maceió. Nasceu em União dos Palmares em 28/8/1895, filho do casal José de Barros Leão e Rosa Leão. Aos dezessete anos veio morar e trabalhar em Maceió, foi balconista numa loja no Mercado Público, abriu, depois, uma firma comercial, uma casa de ferragens. Foi quem idealizou e fundou a Cooperativa Banco dos Retalhistas, presidiu a Aliança Comercial dos Retalhistas, em seguida criou a Escola de Comércio de Alagoas. Exerceu em duas legislaturas o mandato de deputado estadual de 1935-37 e 1947-1951. Durante o governo de Silvestre Péricles de Góes Monteiro [1947-1951], foi alvo de perseguições políticas e pessoais terríveis perpetradas pelo então governador de Alagoas. Foi prefeito de Maceió de 9/2/1951 a 30/5/1952. Morreu em Maceió no dia 30 de outubro de 1976.

¹⁶ **Odilon de Souza Leão** [1922- ?], engenheiro civil, professor, ex-secretário de estado, ex-deputado federal. Filho de Odilon Lima de Souza e Inez Coelho de Almeida de Souza Leão, nasceu em Recife no dia 13/11/1922. Formado em engenharia civil na Politécnica da Bahia em 1948, foi chefe do departamento técnico do SENAI na Bahia; durante o governo de Sebastião Marinho Muniz Falcão [1956-1961], foi nomeado diretor geral da Comissão de Estradas e Rodagem [CER] em 1956; fez parte do grupo de engenheiros que já vinham trabalhando no planejamento e na execução de obras de infraestrutura em Alagoas, desde o governo Arnon de

Isso em que época?

Rapaz, isso em 52¹⁷, parece que foi nessa época. Eu não marco muito que eu sou meio desligado. Esses números de comércio absorvem muito a minha cabeça. Estou descansando, como hoje; hoje eu não vou pra lá (venda), fico descansando, mas sempre - vocês viram – pessoas me procuram para tratar de negócios, pra me vender. Até que eu gosto. Eu fico sem fazer nada aqui. Faço meu exercício no sítio, levo um pouquinho de sol – que o objetivo é esse – suco um pouco e depois tomo um banho e atendo a rapaziada que chega.

Quer dizer que o Partido nunca teve uma estrutura aqui em Murici, só você?

Tiveram elementos.

Militantes?

Elementos militantes que moravam aqui, mas uma estrutura política, organizada, como um partido, eu posso dizer que nunca teve. Em 45, com a legalidade democrática, eles tentaram fundar um núcleo do PCB. Pedro Viana¹⁸ veio aqui, organizou os rapazes, alugou até um quarto. Começou a funcionar a sede do Partido. Tiveram algumas reuniões, mas dissolveu-se logo porque um foi para o exército, outro para a aeronáutica. Quer dizer, não tinham condições de viver aqui porque ou era a cana ou o comércio. Fora disso, o sujeito emigra; aqui não vive. Murici é muito pobre. A estrutura agrária é a monocultura. Só se planta cana.

Mello. É nomeado pelo governador Muniz Falcão, secretário da Viação e Obras Públicas, permanecendo na pasta nos anos 1956 a 1958. Deixa o cargo de secretário para se candidatar a deputado federal pelo Partido Social Progressista [PSP] é eleito e exerce o mandato parlamentar de 1959-1963.

¹⁷ Há um equívoco na fala de Mozart, Odilon de Souza Leão foi candidato a deputado federal em 1958.

¹⁸ **Pedro Viana**, provavelmente era um dirigente do PCB em Alagoas, não disponho de maiores informações em meu arquivo.

Como é que você fazia suas ligações?

Através dos meninos¹⁹. Eles vinham aqui ou eu ia à Maceió.

¹⁹ A expressão “**meninos**” usada por Mozart Damasceno se refere aos seus companheiros militantes ou dirigentes do PCB. É uma forma carinhosa e íntima de tratamento.

2º Capítulo

A política local e seus desdobramentos

O Pedro [Timóteo] se elegeu como candidato popular, mas depois que se viu no poder começou a maltratar o povo. Já matou um velho com um soco no olho, já deu um soco no homem que vende farinha, o homem caiu por cima da farinha - foi um escândalo terrível. E dessas violências o Pedro tem praticado inúmeras.

Eles vinham aqui fazer contatos com você?

Sim, eles vinham, era época de eleição. Uma vez Jayme Miranda veio com uma rapaziada. Eles estavam dando apoio político ao Abrahão Fidélis²⁰, candidato a governador. Houve uma reunião – como nós estamos fazendo aqui. O Jayme disse: “Mozart, você está sabendo mais ou menos por que nós estamos vindo aqui? O coronel Oest²¹ vai transmitir o meu pensamento”. Aí o coronel Oest começou a falar: “Damasceno, você naturalmente já sabe para que estamos vindo aqui”. Realmente eu sabia

²⁰ **Abrahão Fidelis de Moura** [1916-1993] pecuarista, ex-deputado federal, foi candidato a governador de Alagoas. Perdeu para Luiz Cavalcante; teve os direitos políticos e o mandato parlamentar cassados pelos militares em 1964, durante dez anos. Manteve aliança com o PCB em Alagoas e foi também um fiel aliado do presidente João Goulart.

²¹ **Henrique Cordeiro Oest** [1902-1982] Secretário de Segurança Pública de Alagoas, deputado federal [PSP], general do exército e ex-combatente da FEB, foi comandante do 20º BC em 1956. O fato do então coronel Oest ser militar e comunista pesou na escolha do seu nome para ocupar um cargo tão importante como a Secretaria de Segurança Pública de Alagoas – SSP. Nesse período o estado vivia um clima terrível de violência política e a ação de um dirigente da segurança pública que fosse não alagoano era também relevante. Essa escolha ocorreu em comum acordo entre o governador e a direção do PCB local. A convite do governador Sebastião Marinho Muniz Falcão volta a Alagoas para assumir a Secretária de Segurança Pública de 1959 a 1961, antes de terminar a gestão do governador Muniz Falcão, deixa a SSP, o Exército o transferi para a Circunscrição de Recrutamento de Ilhéus, na Bahia. É candidato a deputado federal pelo estado de Alagoas em 1963, para isso teve que novamente retornar, a sua candidatura foi inscrita na Coligação Democrática Nacionalista formada por PTB e PSP, não se elege, fica na primeira suplência mas assume o mandato entre agosto e outubro de 1963 e nesse mesmo ano é promovido a general-de-divisão, em seguida é reformado. O golpe militar de 1964 o atinge logo nos primeiros dias, em 10 de abril o Ato Institucional nº 1, quando tem os seus direitos políticos cassados, vai para o exilado no Uruguai, onde permanece de 1964 a 1972. Morre no dia 7 de março de 1982, na cidade do Rio de Janeiro.

mais ou menos o que eles queriam, mas eu disse: “Precisamente eu não sei, coronel Oest. Naturalmente o senhor vai esboçar o seu plano e eu vou ouvir, depois vou falar”. Ele disse: “Oh, Mozart, eu pensei que você fosse um rapaz inteligente”. Eu disse: “Bom, Coronel Oest, inteligente eu sou (risos), mas o senhor deve dizer primeiro do que se trata para depois eu falar”. Ele começou a fazer a exposição e disse: “Jayme – ele ao invés de dizer Jayme (aberto) dizia Jayme (fechado) - faça uma exposição para o Mozart”. Ele achou mais conveniente o Jayme fazer. Eles queriam que eu apoiasse o candidato do Pedro Timóteo, meu amigo particular.

Mas o Pedro vivia me perseguindo, capaz até de me matar. Tinha sentido eu apoiar o candidato? E o candidato era o Olavo Calheiros²² - que hoje é prefeito e sempre foi meu amigo, desde aquela época - estava presente. Depois que ele falou, eu disse: “Coronel Oest, eu vou ser muito franco com o senhor, o Olavo vai perder a eleição”. O cara presente e eu disse isso, de cara. Não que ele não mereça ser eleito, por que ele é um candidato excelente, mas está apoiado por Pedro Timóteo. O Pedro [Timóteo] se elegeu como candidato popular, mas depois que se viu no poder começou a maltratar o povo. Já matou um velho com um soco no olho, já deu um soco no homem que vende farinha, o homem caiu por cima da farinha - foi um escândalo terrível. E dessas violências o Pedro tem praticado inúmeras. Eu não quero acrescentar o rosário. Quer dizer, o Olavo só vai perder por isso. Se o Olavo fosse apoiado pelo outro lado, venceria. O Cauby²³, se fosse apoiado pelo Pedro, o Cauby perderia.

²² **Olavo Calheiros Novais**, agropecuarista, político, ex-prefeito de Murici, ficou conhecido como **Major Olavo**. Casado com Ivanilda Vasconcelos Calheiros, o casal tem vários filhos que se tornaram políticos com atuação em nível local, estadual e nacional: Renan Calheiros, ex-deputado estadual, federal, ex-presidente do Senado Federal, exerce o terceiro mandato como senador da República [2011-2018]; Olavo Calheiros Filho, ex-deputado federal; atualmente exerceu o seu primeiro mandato como deputado estadual [2011-2014]; Renildo Calheiros, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes (UNE), ex-deputado federal pelo estado de Pernambuco, prefeito de Olinda (PE) [2008-2012]; Robson Calheiros, ex-vereador de Maceió; Remi Calheiros, prefeito de Murici e Renan Calheiros Filho, ex-prefeito de Murici, deputado federal por Alagoas [2011-2014].

²³ **Cauby de Freitas**, proprietário rural, foi prefeito de Murici (AL), pertencia a uma família que muito influenciou politicamente no município de Murici e na região do vale do Mundau.

Quem é Cauby?

Cauby de Freitas, fazendeiro daqui, candidato a prefeito. Concorria com o Olavo.

Olavo era de que partido?

Eu não sei. Não me lembro mais, faz tanto tempo isso.

E qual era o partido de Pedro Timóteo?

Acho que era PSP. Desde a legalidade democrática, quando nós viajamos à Europa – eu frisei esse ponto – nós discutíamos qual era a candidatura mais viável e chegamos à conclusão que a candidatura, no âmbito federal, seria a do Marechal Henrique Teixeira Lott²⁴, uma candidatura nacionalista. No plano estadual, a candidatura mais viável ao governo seria a de Abrahão Fidélis de Moura, antigo aliado, por ser uma candidatura sem vínculo com os grupos econômicos do Estado de Alagoas. Uma candidatura popular e, conseqüentemente, nacionalista. Abrahão, que estava do lado, balançou a cabeça em sinal de aprovação ao que eu dizia. Quer dizer: os caras queriam me colocar em xeque contra Abrahão e contra o Coronel Henrique Cordeiro

²⁴ **Henrique Duffles Baptista Teixeira Lott [1894-1984], Henrique Duffles Baptista Teixeira Lott [1894-1984]**, marechal do exército, nasceu em Antonio Carlos (MG), no dia 16/11/1894, filho do casal Henrique Matthew Lott e Maria Batista duffles Teixeira Lott. Entrou no Colegio Militar (RJ) em 1905, sentou praça em 1911, seguiu a carreira militar, foi adido militar junto à embaixada brasileira em Washington em 1946. Foi escolhido pelo vice-presidente Café Filho para assumir a presidência após o suicídio de Getúlio Vargas em 1954. Eleito em outubro a chapa Juscelino Kubitschek-João Goulart, em novembro militares golpistas se articulavam para não deixar o presidente eleito tomar posse. O contragolpe foi organizado pelo então Ministro da Guerra. Empossado Lott é mantido no cargo. Nas eleições de 1960 é candidato a presidente da República formando a chapa Lott-Jango, perde as eleições para Janio Quadros, que toma posse em janeiro de 1961. Em 1º de abril de 1964 os militares monitorados pelos EUA derrubaram o governo constitucional de João Goulart, Lott é contra golpe militar declarando: "completamente antidemocrático e contrário aos interesses nacionais procurar depor um presidente da República mediante uma insurreição". Afastou definitivamente da vida política por discordar da ditadura militar. Faleceu em 19 de maio de 1984 no Rio de Janeiro.

Oest, você entendeu a jogada? Isso era manha do Pedro, não era nem do Olavo Calheiros. Olavo é um rapaz simples, um rapaz correto, não tem dessas coisas.

Teve uma coisa interessante, uma coisa curiosa. O farmacêutico da cidade, querendo dar uma puxada de saco para Olavo e conseqüentemente para Pedro Timóteo - pois ele era do partido do governo e passou pra oposição com medo do Pedro (curioso é isso, com medo do Pedro) – então, passou a apoiar o candidato do Pedro Timóteo. Pedro, conhecido arbitrário, acostumado a resolver as questões políticas na bala ou na violência policial, disse: “Mas compadre, o Clementino²⁵ está ostensivamente fazendo a campanha do Cauby, tanto assim que alugou um quarto para o Cauby botar o serviço de alto-falante”. Cauby era o candidato oficial.

Eu disse: “Eu não sabia que o Clementino tinha alugado um quarto ao Cauby, mas se soubesse, compadre, eu o apoiaria do mesmo modo”. Ele pensava que eu ia afrouxar aqui. Essas covardias não têm pé comigo (risos). Aí ele ficou arrepiado. Eu falei: “Não está ocorrendo isso que você está dizendo, mas se estivesse, você seria o culpado, por que eu disse a você que se o Clementino tomasse qualquer posição política que entrasse em choque com os seus interesses e as minhas conveniências políticas, você me comunicasse e eu tomaria as medidas necessárias. E você me disse alguma coisa? Não. Então você seria o culpado”.

O PCB errou ao deixar apoiar Abrahão Fidélis pra governador porque o Comitê Central, tentou impor o nome do coronel Henrique Oest, como vice-governador na chapa de Abrahão. O nome do economista Beroaldo

²⁵ **Clementino Verçosa Damasceno [1934]**, funcionário público, professor, ex-prefeito de Murici [1966-1970], irmão de Mozart Damasceno. Exerceu o magistério de 1956 a 1970, foi professor de matemática e desenho no Ginásio N. S. das Graças, em Murici (AL), foi diretor da mesma instituição entre 1970 e 1987, em 1976 passou a ser colégio normal da Campanha Nacional de Escolas da Comunidade (CNEC). Exerceu a função de diretor administrativo financeiro da Superintendência Municipal de Obras e Viação (SUMOV), da prefeitura de Maceió, foi diretor presidente da Copal, órgão vinculado a Secretaria Estadual de Agricultura do estado de Alagoas, de 1976 a 1979 e diretor administrativo financeiro da Emater-AL, de 1985 a 1988, é diretor administrativo da Fundação Jayme de Altavila (Fejal), desde 2002. É conselheiro da Fundação Jayme de Altavila, desde 1971, sendo um dos seus fundadores.

Maia Gomes²⁶ ampliava socialmente. O PCB rompeu e sai da aliança se aliou ao antigo inimigo Silvestre Péricles²⁷. Os candidatos dos comunistas foram Henrique Oest, deputado federal, Jayme Miranda estadual e Nilson Miranda, vereador de Maceió. O Partido rachou, Tibúrcio Tenório das Neves²⁸ se lançou para vereador sem o apoio do partido, não conseguiu se eleger.

Eu me lembro desse detalhe.

²⁶ **Beroaldo Maia Gomes Rego**, engenheiro civil, professor universitário, fez pós-graduação em Paris, participou dos primeiros movimentos para a criação da SUDENE, com Celso Furtado, em Alagoas foi o principal responsável pelos estudos relativos ao planejamento e desenvolvimento durante o governo de Sebastião Marinho Muniz Falcão, coordenou a Comissão de Desenvolvimento Econômico do Estado. Em 1962 foi candidato a vice-governador na chapa de Abrahão Fidelis de Moura, sendo derrotados por Luiz Cavalcante. Na administração do prefeito Divaldo Suruagy foi o responsável pela planificação urbanística de Maceió. Na década de 1970 trabalhou na implantação do Polocloroalcooquímico de Alagoas.

²⁷ **Silvestre Péricles de Góis Monteiro** [1896-1972], governador e senador pelo estado de Alagoas. Membro do clã dos Góis Monteiro, que dominou Alagoas durante vinte anos. Foi um dos mais violentos políticos que o estado já teve. Ordenou chacinas e assassinatos de adversários políticos, bem como tortura e prisões de deputados. Ficaram célebres nacionalmente as prisões arbitrárias dos deputados comunistas André Papini Góis, José Maria Cavalcante e Moacir Rodrigues de Andrade, e do advogado Aristides Saldanha. A família Góis Monteiro tinha uma diferença essencial em relação as outras famílias que tinha participação política em Alagoas, os seus membros, os que estavam exercendo cargos públicos, de origem trabalhista. E era em face dessa característica que os Góis Monteiros se vincularam tão fortemente ao movimento operário local. O ex-governador era desprovido de qualquer sensibilidade política além de ser um desagregador com forte pendor autoritário. Essas características foram marcantes no seu período governamental.

²⁸ **Tibúrcio Tenório da Neves** [1904-2000] nasceu em Maceió. De origem operária, foi também comerciante, e há um registro na sua carteira profissional como ator. Foi dirigente estadual do PCB, durante décadas. Em razão das suas atividades políticas públicas como comunista, foi preso várias vezes; em todas as prisões resistiu bravamente. Na década de 1950, foi preso em Maceió, ficando cerca de três anos encarcerado, sem processo formado. Foi preciso o semanário comunista *A Voz do Povo* lançar uma campanha pela sua libertação. O seu filho, Agilberto Calaça, fala carinhosamente a respeito do pai: “Não sei o que ou quem abriu a sua mente para as idéias comunistas, mas foi algo a que se entregou completamente. Eu diria mesmo que a causa vinha em primeiro lugar em sua vida. A família e tudo mais era secundário. Interessante notar que foi um *self made man*: não teve estudos regulares, muito menos cursou universidades; não era um conhecedor profundo da filosofia marxista, mas compreendia com uma pertinácia impressionante o espírito da mesma. Assumiu em toda a sua grandeza e com todos os riscos a tarefa de construir um novo mundo, livre das desigualdades e das injustiças sociais. Tudo o que o comunismo prometia!”

Quer dizer, todos esses fatos foram colocados, como uma imposição. A decisão aconteceu de cima para baixo. Como você avalia essa retirada de apoio que resultou na vitória da oposição, à frente Luiz Cavalcante²⁹?

Nunca é bom se impor nada. Todo o assunto deve ser discutido. Tem que ser negociado, nunca deve ser imposto. O sujeito domina pela dialética. Quer dizer, faz prevalecer o que é mais razoável, o que é mais correto, mas nunca uma imposição declarada. Não é democrático. A democracia interna do Partido manda que sempre se discuta os problemas. Quando você está discutindo para fazer confusão, torpedear, a gente sente, a gente corta a asa.

Mas naquela época o PCB ainda vivia o clima do Stalinismo.

Ah, sim, é verdade! Os erros sempre existiram e existem e sempre existirão. Não é só nós que erramos, não. Os partidos burgueses erram aí. Agora mesmo está o racha do PDS. Racha, não. A repórter perguntou ao major Luiz, ao senador Luiz Cavalcante: “Senador, é verdade que está havendo um racha no PDS?” Aí o Senador Luiz Cavalcante deu uma risada e disse: “Racha, minha filha, é apelido, está havendo é uma dizimação (risos). O partido está sendo dizimado”. Então é isso, eles também erram. É uma série de erros e acertos.

Na prisão, em 64, já que você estava junto do Jayme, o que vocês avaliaram?

Ah, rapaz, tinha um cara muito inteligente – eu não lembro o nome dele – era um rapaz do Partido e ele dizia: “Isso foi feito, Damasceno, para haver um processo de desnacionalização da indústria nacional. A indústria

²⁹ **Luiz de Souza Cavalcante [1913-1990]**, general, ex-governador e ex-senador da República por Alagoas. Foi um ativo conspirador no golpe de 1º de abril de 1964. Udenista, vinculado ao ex-governador do estado da Guanabara Carlos Lacerda, contribuiu para que em Alagoas fosse organizada uma milícia com cerca de 10 mil homens com armas e munição e combustível para resistir, se fosse necessário, caso houvesse reação ao golpe militar em Alagoas e Pernambuco.

nacional está sendo dizimada”. Quer dizer, o interesse da direita – eu já disse a você naquele dia do almoço – não é tanto do operariado, é mais da pequena, da média e da micro-indústria. Eles estão vendo que se não mudarem a política serão arrasados, dizimados. Porque a política do FMI é de arrasa quarteirão. É o mesmo que essas bombas de hidrogênio.

Isso aí já é uma consequência. A pergunta é se na prisão vocês avaliaram, fizeram uma autocrítica do que tinha acontecido anteriormente: o apoio do Abrahão, etc., etc., que no final desembocou no golpe de 64.

Não me lembro. Lá se vão vinte anos, não é?

Você lembra da época da cassação do Partido Comunista, quando houve a cassação do registro do Partido e, depois, a cassação dos comunistas? Inclusive tem um livro publicado recente do Mello Motta ³⁰...

Mello Motta... quem é esse Mello Motta? É o Lourival de Mello Motta? Ah! Ele escreveu qualquer coisa?

Escreveu. Ele pegou os discursos dele naquela época, exatamente de 47 até 53.

Aquele cidadão é homem honesto, de modo que o que ele escreveu tem valor. É Lourival de Mello Motta, não é isso? É médico, radiologista...

³⁰ **Lourival de Mello Motta** [1906-1989], médico, deputado estadual, secretário de estado, jornalista, nasceu em Palmeira dos Índios (Al), filho do casal Leonino Soares de Motta e Adelaide de Mello Motta foi eleito deputado à constituinte em 1934. Em 1947 novamente foi eleito deputado constituinte, sendo reeleito nas eleições de 1950. Sócio fundador do Diário do Povo, jornal de orientação udenista, criado em 1945, mas que na madrugada do dia 23 de dezembro de 1949, foi selvagemmente atacado e teve a redação e oficinas destruídas a marretadas pela polícia militar de Alagoas, por ordens do governador Silvestre Péricles de Góes Monteiro. “Antes disso, segundo as mesmas declarações, a polícia cuidou de cercar o quarteirão onde se achava localizado o jornal, para evitar a presença de testemunhas”. in Sant’Ana, Moacir Medeiros de. História da Imprensa em Alagoas, Maceió, Arquivo Público de Alagoas, 1987,p. 116, 117.

Exatamente. Então você poderia falar sobre aquela época, sobre aqueles episódios todos que aconteceram?

Rapaz, eu sou de memória fraca. Quer dizer, eu não sou de memória fraca totalmente, mas essa vida de comércio que eu vivo arrasa isso aqui (aponta para a própria cabeça). Isso aqui vive constantemente funcionando como um computador, funciona com números e números que se fazem e se desfazem constantemente. Cálculos constantes, compreenderam? Então, empana muita coisa, de modo que muita coisa eu não me lembro. Assim, se vocês me lembrarem de detalhes, naturalmente eu posso recordar, que eu não estou tão esclerosado assim (ri). Vou fazer sessenta anos ainda!

Tem um fato marcante na vida do Partido e, pessoalmente, na sua vida aqui em Murici...

1964?

Não, antes de 64, 58, quando o Pedro Timóteo assassinou o Paulo Cardoso³¹.

Eu lembro deste detalhe.

A *Voz do Povo* foi o único jornal em Alagoas que deu cobertura integral, inclusive o Nilson Miranda publicava matérias assinadas, o próprio jornal foi ameaçado...

Ah! O jornal foi fundamental. O jornal, o nosso jornal classificava, cognominava o Pedro Timóteo de ditador mirim de Murici. Mas ele ficava envenenado com isso, sabe? Inclusive, eu fui ameaçado de engolir o jornal por causa das declarações que o jornal fez... ele tinha medo.

³¹ **Paulo Cardoso**, foi assassinado pelo deputado Pedro Timóteo em Murici (Al), trabalhava na pequena fábrica de fogos de artifícios *Traques Caramuru* que pertencia a um dos seus irmãos, Fausto Cardoso.

Você escrevia no jornal?

Não, eu nunca escrevi nada no jornal. Mas o Nilson me perguntou – o Nilson já tinha sido informado do fato. Casualmente encontrei-me com o ele na rua e ele disse: “Rapaz, o que é que você me diz do que ocorreu lá em Murici?” Eu disse: “Que é que você soube?” Ele contou a história. Eu falei: “Não, não foi bem assim. Houve isso, assim, assim...” Aí eu corriji a distorção que estava havendo e eu dei um quadro. Mas eu pedi para ele: “Você não confie na minha informação só, não. Procure outras pessoas, três pessoas para informar, viu? E se tiver de dar a notícia, dê naturalmente, mas omita o meu nome porque, com certeza, eu vou ser perseguido”. Ele omitiu, mas eu fui perseguido pra caramba, do mesmo jeito, sabe? Inclusive, ele tentou me matar, viu? Num trem aí... esse episódio é muito comprido, eu não conto, não.

Mas pode contar, temos três fitas aí.

(risos) Pois bem. Como é uma coisa pessoal, talvez não tenha importância.

Sim, é uma perseguição pessoal, mas com envolvimento político.

Exato, o envolvimento foi político. E ele, inclusive, tinha um ódio da peste. Dizia: “Aquele comunista...” Eu viajava pra Bahia por que ia para São Paulo e só pensava em fazer estrago. O sujeito quando comete um crime ele está, quando nada, neurótico, entendeu? Eu suponho que ele fica num estado de descontrole que ele é quase controlado pelo subconsciente. O consciente está marginalizado. Eu não tenho essa coisa, sou contra o crime, o terror, mas eu já estava ficando... só pensava numa coisa. E os outros dizendo: “se previne por que o Pedro vai mandar lhe dar uma surra; se arme. Eu dizia não, não me armo porque ele deu no Luiz Tenório³² que é valente, família de brabo de Quebrângulo, mas em mim não batem não. Não sou brabo,

³² **Luiz Tenório**, cunhado do deputado Pedro Timóteo.

mas mesmo assim eles não dão por que eu tenho vergonha. Eles podem dar depois de morto, mas vivo não. Eu sei que eu contava fraqueza, mas andava armado, sempre.

Eu dizia: “Quem botar a mão quando a pancada falar a resposta é um tiro e se eu puder matar dois ou três, não mato um só, não”. É questão de dignidade. Emocionalmente eu sou um homem tranqüilo, pacífico... procure saber. Sei que eu procurei viajar. Quando eu cheguei na estação, rapaz, o ambiente estava carregado, eu sentia a coisa, sabe? Quando eu cheguei no trem, que me sentei, eu me vi cercado de pessoas estranhas. Mas sei que a melhor defesa é o ataque. Quando chegou na estação de Mundaú - a primeira estação é Itamaracá - o trem parou. As pessoas que iam sair, saíram, e quem tinha de entrar, entrou.

Mas quando o chefe deu o sinal, os dois sujeitos se levantaram. Pessoas estranhas. E quando um pegou na maçaneta da porta, olhou pra cá. Ora, se ele tinha que sair, ele devia ter saído logo. E eu atento. Estava que só cascavel pra dar o bote. Eu disse: “Se ele botar a mão pra tirar um lenço, eu atiro nele, não quero nem saber”. Eu sei que o trem pegou velocidade e o cara viu que eu estava atento, voltou e sentou-se. O trem continuou. Estava em velocidade. Eles se agüentaram, viram que eu estava atento. Quando o trem parou na próxima estação, Lourenço de Albuquerque, chegou gente, saiu gente, e os caras lá... e eu manjando eles.

Quando o chefe deu o sinal e o trem começou a partir, os homens se levantaram novamente. Um chegou na porta, virou-se, e eu atento. Eles viram que eu estava atento, vieram e sentaram-se. Eu pensava: “Diabo, o quê eles pretendiam atirar ali e depois cair fora?” Percebi dessa segunda vez que a jogada era diferente: era descer e vir pra minha janela como se fosse dar um recado, atirar à queima-roupa e depois sair.

Porque se ele quisesse atirar, já tinha atirado dali mesmo. Aí eu disse pra mulher: “vou fazer uma denúncia de público”. Ela disse: “não faça isso que dona Amália pode ter um colapso, morrer”. E eu: “Ou eu faço ou daqui para Maceió eles me liquidam”. Eu me levantei, o trem em movimento – isso depois de Lourenço de Albuquerque, seguindo pra Rio Largo. O sargento de polícia estava presente e o cabo. Inclusive, esse cabo recebeu uma fita, passou a ser sargento e o outro, que era soldado raso, recebeu a

fita de cabo, quando Pedro matou uma crente e eles assumiram. A história do crente é muito curiosa. Então, eu fiz a denúncia.

Eu falei: “Sargento e cabo, vocês são homens de polícia, estão aqui para garantir a vida dos cidadãos, não é verdade?” Ele ficou todo calado. E eu disse pros correligionários do Pedro: “vocês digam ao Pedro que eu vou viajar, mas eu não vou embora, não, eu volto e quando voltar ele mande me matar, agora mande me matar pela frente, que homem se mata pela frente, não é com uns quatro pistoleiros covardes, não”. O cara com a mão no bolso, ou era revólver ou era uma mouse - pra mim era uma seis ponto 35 – em minha direção, assim (põe a mão no bolso). Eu aqui e ele aí. Em Rio Largo, eles desapareceram, zarparam. Quando cheguei, não saltei nem na estação.

O trem não passa ali no mercado, devagar? Eu então saltei ali, peguei um carro e fui para o Atlântico³³. Falei com o Jayme. O Jayme comunicou e imediatamente mandou chamar Haroldo Miranda³⁴. Haroldo tinha muito prestígio com o Muniz Falcão³⁵ nesse tempo. Jaime disse: “Haroldo, você podia tomar uma providência, assim, assim...” O Haroldo respondeu: “Perfeitamente! Imediatamente eu vou falar com o Muniz” Eu tive toda cobertura. Quando eu cheguei na casa do tabelião, era meio-dia. Tinha um

³³ **Hotel Atlântico**, conhecido hotel de Maceió, estabelecimento de Manoel Simplicio de Miranda, pai dos jornalistas e dirigentes comunistas Jayme e Nilson Amorim de Miranda. O hotel se transformou numa lenda onde os “comunistas conspiravam,” em 1964, nas primeiras horas do golpe militar, foi invadido pelo delegado Rubens Quintela, sob a acusação de haver armamentos guardados pelos comunistas, mais especificamente por Jayme e Nilson Miranda. Nada foi encontrado, mas a perseguição policial se intensificou.

³⁴ **Haroldo Amorim de Miranda**, radialista, jornalista, rádio-ator, é o primogênito do casal Manoel Simplicio de Miranda e Hermé Amorim de Miranda, irmão de Jayme e Nilson Amorim de Miranda. É um dos fundadores da Rádio Difusora, a primeira emissora de rádio de Alagoas, que iniciou as suas transmissões no dia 16 de setembro de 1949, no governo de Sivestre Pérciles de Gois Monteiro. O jornalista Jayme Miranda se encontra desaparecido desde o dia 5 de fevereiro de 1975, nessa época era membro da Comissão Executiva do Comitê Central do PCB.

³⁵ **Sebastião Marinho Muniz Falcão** [1915-1966], advogado, ex-delegado regional do Ministério do Trabalho em Alagoas, ex-deputado federal, ex-governador de Alagoas eleito em dois momentos, o primeiro mandato exercido entre 1956 a 1961. Em 1965 foi, novamente, eleito governador de Alagoas, derrotando dois candidatos da UDN, Arnon de Mello e Rui Palmeira, mas foi impedido de tomar posse em 1º de fevereiro de 1966, porque não obteve a maioria absoluta dos votos, como estabelecia a Emenda Constitucional nº 13 de 8 de abril de 1965. A Assembléia Legislativa, subserviente a ditadura militar, não ratifica a vitória obtida nas urnas por Muniz Falcão.

personagem, parente do Pedro Timóteo e ele perguntou onde eu ia dormir. Eu disse: “Olhe, eu vou dormir com segurança. E você diga ao Pedro que eu não vou embora de Murici, não. Que eu vou apenas descansar, que eu preciso descansar, viu? Agora diga a ele que não seja covarde, faça de frente.” Mandei esse recado. Vou lhe dar um conselho: pense em criar seus filhos em outros caminhos. Não pense em criar através do crime, não. Esse cidadão já perdeu um filho nessas circunstâncias graves.

Pois bem, o Muniz me deu toda cobertura, me pôs dois investigadores à minha disposição. Os caras me acompanharam ao aeroporto. Um negócio curioso. Eles estavam com vontade de me liquidar. Um carro cor de vinho estava na frente, seguindo para o aeroporto também, mas muito devagar. O cara sabia o horário do avião. Naturalmente procurou se informar nas companhias de aviação. Nós vínhamos em velocidade normal, uns 70 quilômetros por hora, mas o nosso carro estava se aproximando com rapidez, o que mostrava que eles estavam devagar. Houve um rebuliço. Eles, como quem diz assim: “o homem é esse!” Nós passamos logo e eles ficaram atrás.

Com pouco, eles passaram por nós, mas quando eu avisei à polícia dos homens - o carro eu sei de onde é; é de um membro da família de Pedro Timóteo - os caras ficaram aflitos, eles viram os policiais a toda velocidade e nós, normalmente. Avançamos sem correr. Entramos no aeroporto e eu fiquei olhando de lá e os caras sem passar. Eu demorei cerca de dez minutos e os caras sem passar.

Eu disse: “Não vieram”. Com pouco, eu entrei pra tratar das passagens e vi o carro. Eles não entraram pela porta principal, entraram por um lugar que era um clube de sargento; eles faziam um restaurantezinho que tinha quatro cadeiras, sabe? Quando eu viajei, passei dois meses fora, que voltei, eu disse: “vou ver por onde eles entraram e realmente tinha essa entrada”. Um rapazinho saltou e disse: “uma passagem pra Salvador”. A moça falou: “não tem nesse avião, só se você for no que vai daqui a uma meia hora”. Ele foi consultar os camaradas e voltou: “quero nesse avião de meia hora”.

Eu pensei: “Eu vou no avião, mas difícil é ele me localizar em Salvador”. Eu ia ficar no Rio de Janeiro. Lá eu tomava banho na praia. Sabe,

o que eu fazia? Eu levava uma toalha, um revólver e botava na pedra. Ficava navegando por ali, mas perto do revólver. Se o cara chegasse na margem de lá pra me bombardear, ele entrava pelo cano, porque eu trabalharia primeiro. Pois é, nós todos estamos sujeitos a isso.

3º Capítulo

O Golpe militar e as prisões em Alagoas

Tinha uns marginaizinhos, uns pobrezinhos, mas eu gostei logo da rapaziada. Eu disse: “Aqui ninguém passa fome (ri). Qual é o programa aqui?” O Colaço respondeu: “Você tira o chapéu, a gravata, a camisa, a calça, o paletó, só não tira o calção”.

Mozart, como ocorreu a sua prisão em 1964?

Bom, em abril de 1964 eles vieram me buscar aqui, em Murici, mas eu não estava morando nesta casa porque eu estava fazendo um concerto na época. Estava numa outra casa. O Barrinhos³⁶, com a rapaziada toda de preto... Eu então olhei pela janela. Era o soldado Ferreira. O Ferreira disse: “seu Mozart, seu Barrinhos quer falar com o senhor”. Eu respondi: “vá buscá-lo”. Mas eu já tinha visto que ele estava aí, com a rapaziada. Eu continuei: “vá chamá-lo e quando trouxer, entre com ele”. Ele falou: “Ele já está aqui”. E eu: “seu Barrinhos, entre, pode entrar com a rapaziada. Bem uns seis”. Ele disse: “não, seu Damasceno, eu vou entrar só”. Ele até que foi muito gentil comigo, pra dizer a verdade. O pessoal tem muita queixa dele.

Torturou muita gente.

Torturou? Comigo foi cem por cento. Ele torturou quem? Eu nunca ouvi dizer que ele torturasse assim, não.

O Haroldo Miranda mesmo fez um artigo há uns dois ou três anos, confirmando torturas dele, não só nesse período onde haviam presos políticos de várias classes sociais, camponeses, operários, médicos,

³⁶ **Alberico Barros [Barrinhos]**, Delegado de polícia, ficou conhecido em Alagoas pela violência e arbitrariedade. Formou, durante anos, dupla com o delegado Rubens Quintela. Foi um dos invasores do semanário comunista *A Voz do Povo*, em 1º de abril de 1964.

advogados, empresários, em 1964, mas também houve torturas contra presos comuns também.

Ah, bom, preso comum eu não sei. Mas preso político parece que ele respeitava, porque merece respeito. Qual é o crime do preso político? Desejar uma sociedade melhor para a humanidade?

Eu acho que ele não torturava porque também tem aquela história: Alagoas é um Estado muito atrasado e Mozart Damasceno era um prospero comerciante.

Eu acho que sim. Isso influiu. Ele me respeitava porque não sabia nem se eu era culpado de alguma coisa. Eu não era culpado de nada. O sujeito é culpado por desejar o melhor para a humanidade? Isso é coisa da Idade Média.

Mas naquela época nós estávamos na caça às bruxas.

Eu falo por mim. Eu sei que ele fez uma guerra psicológica danada, porque o Rubens Colaço me contou. Mas de bater, essas coisas, ele respeitou. Quer dizer, eu sei que eu contei o meu problema aqui. Eu disse: “Bom, eu estou sendo perseguido porque não cobro na cartilha do ‘soba’ daqui, do cacique. Não cobro na cartilha dele! Ele anda maltratando camponeses, dando surra em caboclo. Pegou um velho, na vaquejada, deu um soco no velho, que o velho machucou o olho. Morreu em decorrência disso”. Isso eu dizendo ao Barrinhos: “eu me dou com o padre, me dou com usineiro, me dou com o prefeito que, aliás, é meu amigo”. Barrinhos perguntou: “o senhor podia mandar chamar o prefeito?” Eu falei: “Chamo e ele vem”. Então, mandei chamar e o Cauby veio. Ele disse: “Cauby, você poderia levar o Damasceno para Maceió? Eu não queria sair com ele preso daqui etc.” E combinou de se encontrar com a gente na casa do Cauby para da casa do Cauby nós partimos.

Quando chegamos na secretaria de segurança pública, eu conhecia Agri. Ele disse: “Mozart, o que é que você está fazendo aqui? Agrinário

era funcionário da Secretaria no tempo do Tininho³⁷, um reacionário de quatro costados. Eu perguntei: “Agri, eu estou sendo detido como preso político e eu quero ver como é que fica isso”. Agri tem um bracinho aleijado. Ele falou: “Fernando, o Mozart é meu amigo, o que você puder fazer por ele você faça”. Aí o Fernando Costa³⁸ disse: “E eu quero amizade com comunista?” Agri ficou morto, rapaz, ficou passado. Eu fiquei rindo porque pensei que era humor negro. Mas eu vi que era verdade, porque quando eu estava sendo inquirido, quem primeiro veio à minha raia foi ele. Quando eu estava explicando a motivação, o que tinha me levado àquelas circunstâncias... que era a política do meu município, que eu sempre fazia caridade, que sempre procurava ajudar o povo, aí o Fernando Costa disse: “Política de município não interessa ao Exército”. Então, vi que realmente ele tinha dito a verdade. Mas eu encostei o cara, viu? A dialética é boa, porque nesses momentos a gente... Eu disse: “Pode não interessar ao Exército, o senhor sabe o que está dizendo, agora a mim interessa explicar, porque eu estou passando por esse vexame em decorrência da política do meu município, então vou explicar”.

E eu continuei. Não continuaria se o chefe dele, que era o capitão Damaso³⁹, confirmasse a tese de que era um absurdo. Aí eu fiz o “pá, pá, pá” todo e tal. O Rubens Quintella inquirindo, disse: “Nós estamos informados, seu Damasceno, que o senhor ajuda financeiramente o Partido Comunista. Eu falei: “Doutor Rubens, quando os meninos chegam com uma rifa pra consertar a gráfica, comprar tipos e etc., geralmente eu compro dois, três bilhetes, quatro, cinco... é a ajuda que eu dou. Ele disse: “Nós estamos informados que o senhor dá uma contribuição literária pra o jornal”. Respondi: “Nunca escrevi nada, quem lhe informou está informado capciosamente, porque eu nunca escrevi nada pro jornal”.

³⁷ **Luiz Augusto de Castro e Silva** [? -1965], vulgo **Tininho**, foi secretário de Segurança do Interior do estado de Alagoas [equivalente a secretário de segurança pública], foi assassinado em 2/4/1965, no bairro de Pajuçara em Maceió.

³⁸ **Fernando Costa**, delegado de polícia foi um dos interrogadores dos presos políticos no golpe militar de 1964, durante as sessões de tortura a que o sindicalista Rubens Colaço foi submetido pelo delegado Rubens Quintella, acompanhou todo o processo.

³⁹ **Moacir Damaso**, em 1964 era capitão do exército servindo no 20º Batalhão de Caçadores em Maceió, atualmente é coronel reformado do exército.

Ele continuou: “Seu Damasceno, nós estamos informados que o senhor foi à União Soviética e aos países socialistas”. Assumi: “Fui, doutor Rubens” E ele: “Mas foi patrocinado. Nós estamos informados de que foi patrocinado pelo Partido Comunista”. Eu expliquei: “Não, doutor Rubens, eu fui com o meu dinheiro porque li no jornal *Novos Rumos*⁴⁰, que é um órgão do PCB, um artigo do Flávio Tavares⁴¹ sobre economia. Ele dizia que as latas iam subir em Volta Redonda⁴². Não sei que latas iam subir, mas pensei: ‘conseqüentemente o querosene vai subir, pois se a lata é o vasilhame que armazena o produto, então vou arriscar um dinheirinho’. Foi o que fiz: comprei três mil latas, ganhei dinheiro, fiz a viagem e mais outras dez”. Ele até ficou se divertindo: “O que é que o senhor achou de Moscou?” Eu respondi: “Moscou, doutor Rubens, é uma cidade tranqüila, com quatro milhões de habitantes. O metrô transporta mais de um milhão por dia, lá por baixo. É uma cidade grande, mas que não tem aquela loucura que tem nas metrópoles ocidentais.

⁴⁰ **Novos Rumos**, jornal semanário editado no Rio de Janeiro pelo Partido Comunista Brasileiro – PCB, funcionou de 1959 a 1964, os principais redatores eram: Joaquim Câmara Ferreira, Noé Gertel, Mário Alves, Fragmon Carlos Borges, Luís Mário Gazzaneo, Gutemberg Cavalcante.

⁴¹ **Flávio Freitas Hailliot Tavares** [1934], jornalista, advogado, nasceu em Lajeado(RS), foi presidente da União Estadual dos Estudantes do Rio Grande do Sul, aos 20 anos. Trabalhou como jornalista em vários jornais do Brasil e de outros países. De 1960 a 1968 foi comentarista político do jornal Última Hora e chegou a integrar o grupo de fundadores da Universidade de Brasília – Unb. Quando ocorreu o golpe militar foi preso, sendo a sua primeira prisão, novamente chegou a ser preso entre 1967 e 1968, sendo barbaramente torturado. Foi banido do Brasil e passou a viver no exílio em vários países da América Latina e na Europa. Foi incluído na lista dos presos políticos libertos pela troca do embaixador norte-americano Charles Elbrick. Durante o exílio trabalhou como correspondente do jornal Excelsior do México e a partir de 1974, residindo em Buenos Aires, foi correspondente dos jornais brasileiros O Estado de São Paulo e Folha de São Paulo. Quando morava em Montevideú foi seqüestrado pelos militares passou 195 dias preso, foi solto graças a uma campanha internacional pela sua libertação, ao sair da cadeia foi morar em Lisboa, regressão ao Brasil em 1979 após a anistia aos perseguidos políticos.

⁴² **A Companhia Siderúrgica Nacional (CSN)** é a primeira e a maior indústria siderúrgica do Brasil e da América Latina é também uma das maiores do mundo. Esta localizada na cidade de Volta Redonda, no estado do Rio de Janeiro, na região do Vale do Paraíba. A usina foi construída durante o governo de Getúlio Vargas e só em 1946 iniciou a operar plenamente, no governo de Eurico Gaspar Dutra. A empresa deixou de ser estatal em 1993, quando foi privatizada.

Ele então disse: “Mas, seu Damasceno, eu quero saber dos aspectos ideológicos, esses pontos não me interessam. Eu respondi: “Olhe, doutor Rubens, o senhor já viajou e sabe que nove dias numa cidade como Moscou não dá nem pra ver os aspectos físicos quanto mais os político-ideológicos”. E é verdade. Aí ele disse: “Mas nós estamos informados de que o senhor tem dado grandes somas pro partido”. Ele veio à carga de novo. Eu expliquei: “Doutor Rubens, há um exagero marcante nesta série de coisas”. Eu esperei que ele dissesse: porque o exagero? Mas ele não perguntou.

Depois me interrogou o Madalena⁴³. O sargento Madalena. Mas Madalena veio na maior algazarra. Eu pensei que ele tava me gozando. Pensei que ele tava se divertindo comigo. Nesse tempo, em 64, ele moço, disse: “Seu Damasceno, vou lhe fazer umas perguntas, se o senhor não me responder com a verdade, o senhor sairá diretamente daqui pra cadeia”. Eu falei: “Perfeitamente”, e perguntei: “Qual é o posto do senhor no Exército? Desculpe eu perguntar, porque não conheço a hierarquia do exército pelas fitas”.

Ele respondeu: “Tenente Madalena”. Ele já era tenente naquele tempo. Eu disse: “Pode fazer tenente, darei o maior cunho de verdade às suas perguntas”. Mas ele de vez em quando ria. Eu pensei: “esse cara ta me gozando”. Muitos anos depois é que vim saber que ele era amigo do meu irmão, Clementino. E ele já estava naquelas perguntas de gozação porque ele era muito amigo, do peito mesmo, do Clementino, sabendo que eu era irmão dele. Pois bem, depois, quando já tava terminando a entrevista, eu falei: “Capitão Damaso, quer dizer que eu vou ser detido? Os meus amigos fizeram um esforço enorme para que eu não fosse detido, eu vim aqui no sábado, não pude ser inquirido, vim na segunda, também não pude; na terça, também não pude. Só hoje, quarta-feira, é que estou sendo inquirido. Já vim pela quarta vez”.

Ele disse: - “É, seu Damasceno – ele foi até decente nesse aspecto – o caso do senhor já poderia ter sido resolvido, mas o senhor relutou para não

⁴³ **Tenente Madalena**, ficou conhecido em Alagoas como um destacado desportista e professor de educação física, estilo disciplinador, rigoroso. Em sua homenagem a prefeitura de Maceió, na administração da prefeita Kátia Born, inaugurou o ginásio Poliesportivo Tenente Madalena, no bairro da Cambona.

ser inquirido. Eu disse: “Não! Eu relutei para não ser detido, que eu sou um homem muito ocupado, mas para não ser inquirido, não, que eu já vim quatro vezes com essa e só conseguiram me ouvir agora”. E completei: “Quer dizer que eu vou ser sempre detido... Antes eu não incomodasse meus amigos. Os senhores vão ter que me soltar de qualquer maneira. Posso passar dois meses, três meses, seis meses, um ano, mas os senhores vão me soltar sempre, que eu não cometi nenhum crime. Um cidadão não pode ser preso por pensar, ainda mais por pensar num mundo melhor para os seus concidadãos”. Eu disse isso a ele. Eu tava tão inspirado, rapaz, nesse dia (risos). Quando eu tava dizendo isso a ele, falei: “Capitão Damaso, se o exército for seguir o critério de prender o cidadão porque ele foi a um país socialista, como eu fui - que tem três ou quatro amigos comunistas, amigos de infância, jogadores de pelada - então o exército vai ter que prender a metade da população do país”.

Quando eu disse isso, o capitão percebeu que eu estava falando com sinceridade. Mas o sem-vergonha do Fernando, rapaz, veio de dedo em riste pra cima de mim. Eu tomei até um susto. Eu não me assusto fácil, mas eu me assustei. A sensação que eu tive foi como se o cara tivesse uma espada pra me furar. Não é uma sensação estranha, ruim? Mas eu dei-lhe a resposta. Eu me recuperei. Acho que dentro de dez ou quinze segundos, saí daquele choque. Eu disse: “O exército brasileiro sempre foi um exército de tradições liberais, desde a sua fundação, com Quintino Bocaiúva”. Na verdade, comecei dizendo assim: “O que está aqui nesta sala não representa o exército brasileiro, porque o exército brasileiro sempre foi um exército de tradições liberais, desde a sua fundação com Quintino Bocaiúva, Benjamim Constant e Duque de Caxias” - coisa que eu aprendi no segundo ano primário e pensei que não sabia mais (risos).

Mas eu tinha antes, em casa, tomado um Reativan. Eu pensei: “Eles vão me interrogar, vão querer saber muita coisa, eu preciso estar com a cabeça boa”. O Reativan é um complexo B, em dose maciça concentrada. Mas, rapaz... estimula de verdade! Mesmo sem falar, eu estava pensando em coisas da minha juventude, que eu nem lembrava mais. Aquilo estimula as células nervosas, compreendeu? De modo que eu até defendi um cara que estava assustado lá. Um menino que era do Instituto do Açúcar e do

Álcool, um fiscal. Dizem que comerciante não gosta de fiscal, mas eu defendi esse rapaz. Ele nervoso, rapaz, estava casado de novo. Um rapaz pobre que estudou, formou-se em direito, arranhou aquele emprego bom, se casou com uma menina daqui.

Eu disse: “Capitão Damaso, o senhor me dá licença fazer uma observação?” Os caras pensaram até que eu era grande lá, não pensaram que eu tava encanado também (risos). O capitão Damaso muito decente: “Pois não, seu Damasceno”. E eu: “É verdade que a observação que eu vou fazer, os senhores podem não dar valor porque eu estou sendo implicado nas mesmas circunstâncias do rapaz, mas tem valor, que a observação é verdadeira. Esse rapaz é fiscal do Instituto do Açúcar e do Álcool e já me fiscalizou umas três ou quatro vezes, inclusive duas vezes almoçou com os colegas dele na minha casa, e esse rapaz não ventilou um assunto político. Portanto, eu acho que existe qualquer coisa de errado com esse moço.

Deve ser alguma denúncia de alguém que é rival dele, que quer comprometer ele”. E de fato era. No outro dia, o rapaz saiu. Eu ainda passei dezenove dias preso, mas foram os dezenove dias melhores que passei na minha vida. Porque eu descansei - estava precisando de um descanso mesmo - e convivi com uma rapaziada inteligente. Clementino, que era prefeito nessa época, prefeito ligado ao governo estadual - não sei como me prenderam, foi uma perseguição da peste!

Dentro da estrutura partidária, você nunca foi órgão dirigente?

Não, nunca fui.

Então deve ter sido por isso. O Capitão Damaso – como você, eu não o conheci – era um homem já de certo nível, um oficial, teve uma grandeza maior no trato com você, ao contrário do tal Fernando, delegado acostumado a tortura nas delegacias, etc. Eles queriam talvez lhe assustar, sabiam que você era comerciante, sabiam que você era simpatizante, um marxista, mas não tinha uma preeminência dentro do partido. Eles sabiam de tudo, na realidade.

Realmente eu nunca tive. Sempre fui ligado, militante do partido, mas eu nunca tive voto em coisa nenhuma, nunca pertenci a direção, entendeu?

Mas você foi preso na penitenciária mesmo?

Não, fui para um lugar privilegiado. O Clementino falou com o Major Luiz⁴⁴ e eu fiquei no grêmio, lá em cima, de modo que não tinha preso político, só eu. Deu um bafafá pra me colocar lá, que o Argolo⁴⁵ não queria me botar. O secretário recebeu ordem do governador e quebrou até o telefone no ganchinho. Ele disse: “É ordem do governador, viu Argolo? Bote lá”. Ele tinha raiva porque o Argolo não queria botar.

É uma figura um pouco contraditória. Por exemplo, ele teve um trato todo especial com o Zé Rocha⁴⁶ e o Nogueira⁴⁷, e com outras pessoas ele foi agressivo.

⁴⁴ **Luiz de Souza Cavalcante**, governador de Alagoas ficou conhecido como **Major Luiz**.

⁴⁵ **Cícero Argolo**, coronel da Polícia Militar de Alagoas foi diretor da Penitenciária de Maceió durante o golpe militar de 1964.

⁴⁶ **José Albuquerque Rocha** [? -2006], médico, nasceu em Palmeira dos Índios, Alagoas, participou do movimento estudantil em Maceió, se formou em medicina e no dia 1º de abril de 1964 foi levado preso para a Penitenciário de Maceió, onde ficou por vários meses. Pertenceu ao Partido Comunista Brasileiro – PCB, foi dirigente estadual, exerceu papel importante na reestruturação do PCB nos anos que se seguiram ao golpe militar, ao sair da prisão exerceu a medicina em Maceió e continuou atuando na clandestinidade no PCB. Foi escolhido delegado ao VI Congresso Nacional do PCB em 1967, representando os comunistas alagoanos. Esse congresso foi realizado em São Paulo em total clandestinidade. Em 1968 vários militantes da Ação Popular –AP que estavam atuando clandestinamente no sertão de Alagoas, numa localidade chamada de Pariconha, município de Água Branca, foram presos entre os presos estava Aldo Arantes, ex-presidente da União Nacional dos Estudantes – UNE. O médico e dirigente do PCB em Alagoas, José Rocha, participou da libertação dos prisioneiros que se encontravam numa delegacia no centro de Maceió. O plano, com algumas improvisações deu certo e os presos evadiram-se de Alagoas sob a proteção de vários militantes da AP e de José Rocha. Na primeira metade da década de 1970, se mudou de Maceió e foi clinicar em São Paulo, onde continuou a militância comunista até meados da década de 1980. Deixou a militância comunista e se filiou ao Partido Democrático Trabalhista-PDT, foi candidato a deputado federal, não conseguiu se eleger. Em 2006, faleceu poucos meses após regressar à Maceió.

⁴⁷ **Luiz Nogueira Barros** [1935], médico, escritor, funcionário público federal, nasceu em Pão de Açúcar (AL), sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico de Alagoas (IHGAL) e da Academia Alagoana de Letras (AAL). Quando era estudante, no final da década de 1950 e início da década de 1960, foi um ativo militante do movimento estudantil e nesse período chegou a

O Argolo?

Sim, o Argolo.

Comigo ele foi agressivo. Não foi por nada. Eu estava na 12 e me perseguiram lá dentro. Era a mão do Pedro Timóteo funcionando. Me botaram na 36, com aquele jornalista, o Castro⁴⁸, e vários outros rapazes. Depois, recebo uma ordem - pensei que ia até melhorar (ri): “seu Damasceno, quem é?”. Eu disse: “Pronto, já tem ordem pra ir lá pra cima, né?”. Disseram: “o senhor vai pra cela 12”. Eu pensei que era melhor a doze. Quando cheguei, era pior. Uma catanga de mijo da peste! Estava o Rubens Colaço lá.

Antônio Moreira estava lá?

Não, Antonio Moreira⁴⁹ não estava. Tinha uns marginaizinhos, uns pobrezinhos, mas eu gostei logo da rapaziada. Eu disse: “Aqui ninguém passa fome (ri). Qual é o programa aqui?” O Colaço respondeu: “Você tira o

militar na União da Juventude Comunista – UJC, organização do PCB. Foi colaborador do jornal semanário do PCB, A Voz do Povo, era crítico de cinema. Em abril de 1964, quando ocorreu o golpe militar foi preso pela primeira vez; na década de 1970, foi preso novamente, pela segunda vez, respondeu processo junto à Auditoria Militar. As condições políticas foram se agravando, teve que sair de Alagoas, foi residir no Rio de Janeiro, onde viveu por mais de uma década, sempre trabalhado como médico, retornando para Alagoas no final da década de 1980.

⁴⁸ **Castro Filho**, radialista, trabalhou na rádio Progresso, órgão dos diários Associados em Alagoas.

⁴⁹ **Antonio Moreira** [? – 2009], advogado, político, empresário, sócio da Usina João de Deus, ex-deputado estadual, ex-prefeito de Capela(AL), um dos filhos do usineiro José Otávio Moreira, proprietário da usina de açúcar João de Deus, instalada no município de Capela (AL). Iniciou a sua atuação política quando cursava ciências jurídicas na faculdade de direito de Alagoas, na década de 1950. Em 1955 foi eleito deputado estadual, na década de 1970, foi eleito prefeito da cidade de Capela, onde nasceu e a família tem uma usina de açúcar e pecuária. Manteve desde a juventude uma relação de muita simpatia com o Partido Comunista Brasileiro – PCB, sendo inclusive um dos contribuintes financeiro dos comunistas. Em campanhas específicas de arrecadação de fundos para a modernização do jornal semanário dos comunistas de Alagoas, A Voz do Povo, por exemplo. Também contribuía para as candidaturas do PCB. Manteve estreita relação política e pessoal com várias gerações de comunistas em Alagoas. Faleceu em Maceió em 2009.

chapéu, a gravata, a camisa, a calça, o paletó, só não tira o calção (risos)”. E eu vi que o Colaço tava contando a história dele... estava um xuá! Eu achando até bom, mas com uma hora chegou um cara.

Estava até esquecido que estava preso, não era?

Tava nem me lembrando de nada. “Quem é Damasceno aqui?”, o cara perguntou. Pronto! Eu abusado que só a peste: “Já estou me abusando, quem é?” Parecia um advogado. Era um médico: Edmilson Gaia⁵⁰, amigo do Zé Rocha, de Palmeira dos Índios, querendo saber se a comida era ruim. Mas a comida era Fausto Cardoso⁵¹ que trazia. Eu nunca comia. Recebia tanta comida de fora, mas não comia, pensando que tinha veneno. Eu dava pra rapaziada. No dia que eu cheguei, achei ruim uma coisa: Quando eu fui ao sanitário, o sanitário estava por cima e na bacia, um cuscuz. A prisão não estava me incomodando. O fato de estar preso, pra mim era até uma glória: Não fazer nada e ser preso. Porque, o que é que eu fiz? É condenar isso que está aí até hoje. E de vez em quando eu abria o gibi⁵², que era mais novo, mais afoito (risos), lá dentro da bodega, no meio do povo. Pois bem, de vez em quando, eu dizia: fui preso por isso e continuo.

O José Graciano⁵³ assumiu o comando.

⁵⁰ **Edmilson Gaia**, médico e oficial da Polícia Militar de Alagoas.

⁵¹ **Fausto Cardoso**, foi vereador em Murici (AL), era proprietário da Traques Caramuru, pequena fábrica de fogos de artifícios que funcionava na cidade de Murici.

⁵² **Abria o Gibi**, gíria usada em Alagoas que significa falar a respeito de um determinado assunto ou de vários.

⁵³ **José Graciano dos Santos [1910]**, operário tecelão, nasceu em Murici (AL). A sua origem é como trabalhador rural no município de Murici, mas foi como operário tecelão das fábrica da cidade de Rio Largo, que se destacou entre os seus companheiros desde a década de 1950 (não há data precisa), quando se aproxima dos comunistas ingressando no PCB. A atuação no chão da fábrica por muitos anos foi sempre clandestina e Rio Largo, na época era um importante centro fabril, contava com duas grandes industrias têxtil, a *Companhia Cachoeira de Fiação e Tecidos*, fundada em 1888 e a *Progresso Alagoano*, fundada entre 1893/95. A economia da cidade girava em torno dessas duas industrias e de mais duas usina de açúcar a *Utinga Leão* e a Santa Clotilde. Foi dirigente do diretório municipal e estadual do PCB. Preso em 1964, ao sair da prisão continuou a militância no Partido. Em 1980, foi um dos reorganizadores do PCB. Na década de 1990, com sérios problemas de saúde, foi morar com uma de suas filhas no Rio de Janeiro.

O Graciano é pior do que eu. Eu sei que eu fui olhar o banheiro. O banheiro era lodo só. Uma desgraça. Quando saí, fiquei até triste. Eu não sofro de depressão. A pior miséria do mundo que pode acontecer comigo, eu agüento o rojão. Tenho essa impressão, por causa das coisas que me aconteceram. Eu não jogo na loteria esportiva, mas se eu ganhasse, ficava neutro, não ficava muito alegre. Pois bem, quando eu fui saindo, vinha um rapazinho. Eu disse: “Menino, quem é que toma conta disso aqui?”. Ele respondeu: “Sou eu, doutor”. Eu peguei mil cruzeiros – naquele tempo era muito dinheiro – e disse: “Tome mil cruzeiros e providencie, mantenha isso limpo todos os dias e todo dia você vá buscar quinhentos”. Oh, gente! Pro menino era um achado. Naquele tempo, mil cruzeiros, você dando assim. Mas eu tinha cento e cinqüenta mil. Eram cento e cinqüenta notas pra gastar, eram cento e cinqüenta dias. Aí, o menino, chamado Geraldo, todo dia ia buscar quinhentos cruzeiros. Era um asseio da peste. De vez em quando a rapaziada ficava vendo o zelo dele, sem saber que fui eu que movimentei o negócio. A rapaziada da 37 dava também. Depois, chegava um: “Doutor, eu já tô entendendo a jogada. Esse povo que está aí é tudo gente boa, eu tô entendendo, tô aprendendo”.

4º Capítulo

Viagem a União Soviética e a Europa

O povo ama aqueles dois caras - Lênin e Stálin. Aí entrou um oficial russo. Magro. Um oficial russo, mas doente, como se nunca tivesse se preocupado com os ferimentos de guerra.

Com relação à sua viagem: gostaria de saber quais foram as pessoas que lhe acompanharam e se você financiou alguma delas.

Nós patrocinamos a viagem do Jayme.

Você e Napoleão⁵⁴?

Não, Napoleão não.

Quem é que estava na viagem?

Napoleão, Edler Lins⁵⁵, eu e o Jayme.

Quando isso?

Isso, em 1959.

Vocês foram até onde?

⁵⁴ **Napoleão Moreira** [1930-1972], bacharel em direito, empresário, era um dos herdeiros da Usina João de Deus, de Capela (AL). Desde a época em que era estudante se filiou ao PCB. Participou do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes realizado em Viena na Áustria, em 1959. Viajou em companhia do dirigente do PCB de Alagoas, jornalista Jayme Miranda, do médico Edler Lins e do comerciante e militante comunista Mozart Verçosa Damasceno, pelo Leste europeu, onde conheceram vários países do antigo mundo socialista e pela Europa.

⁵⁵ **Edler Lins**, médico, sem maiores ligações políticas com o PCB, viajou com Napoleão Moreira, Jayme Miranda e Mozart Damasceno, para o Leste europeu e Europa, onde participaram do Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes em Viena, Áustria, em 1959.

Fomos até a União Soviética.

Por onde?

Nós tomamos o avião em Maceió e fomos daqui pro Rio de Janeiro; do Rio de Janeiro fui com Jayme a São Paulo. Ele ia ver uns parentes. Eram uns parentes nordestinos.

Da loja quatro e quatrocentos.

Da loja quatro e quatrocentos. Jayme visitou os parentes e depois nós fomos à Itu. Em Itu, visitamos meu irmão, depois voltamos e pegamos o navio no porto do Rio – voltamos pro Rio, né? A turma que vinha de São Paulo, que ia ao festival, fez um conagração muito bom com a gente.

Festival de quê?

Festival de Viena. Festival pela paz e amizade entre os povos. Eles fizeram muita amizade com a gente e ficamos com aquelas famílias do navio. Eles disseram: “Quando vocês subiram no navio, no Rio, nós falamos: ‘Esses são paus-de-arara’”. Eles conheceram pelo jeito. Eles gostaram do comportamento da gente, do estilo da gente do Nordeste. Afinal de contas, nós temos uma tradição nos bons costumes: hospitalidade. Nós ainda conversamos aquela coisa antiga do indígena, aquela coisa de receber. É como o vietnamita.

O vietnamita é um povo pobre, mas você chega na casa dele, por mais pobre que seja, tem um leito pro hóspede. Isso é muito significativo. Tanto assim, que é um povo de tradição e de fibra que resistiu ao francês e ao norte-americano. O americano falou francês lá. Ele fala inglês, mas lá ele falou francês. Então a rapaziada gostou da gente. O Jayme, bem relacionado, todo mundo gostava dele - ele contando aquelas histórias de José Maria Remarque⁵⁶. O Jayme gostava de ler e tinha aquela capacidade de

⁵⁶ José Maria Remarque

fazer camaradagem. Onde ele chegava, ele fazia um amigo. O Jayme - seu tio (Alex Miranda⁵⁷) -, você, do pouco que você conviveu com ele, você verificava essa qualidade do Jayme. Em todo canto. O Jayme chegou na Espanha e se meteu num bar. Com meia hora, ele era amigo de todo mundo. Os espanhóis: “Buenos, los brasileiros são buenos, por usted nós estamos vendo (risos)”. Ele conquistou aquela rapaziada. Eu fiquei admirado de ver como o Jayme conquistava o povo aonde chegava. Ele abordou lá um gordão, era operário, um homem assim d’uns quarenta e cinco anos. Ele perguntou em espanhol: “como és la situación em Tenerife?” O espanhol disse: “Mi amigo, em Tenerife la situación es mui mal”. Era muito mal (risos). Eu admirava o jeito que ele tinha de fazer amizade. Ele – o Jayme – gostava muito de fumar, você sabe disso (Alex).

Ele fumava desbragadamente.

E o cigarro dele era continental...

Ele fumava, tinha aquele Continental meio curto, com filtro. Antigamente ele fumava sem filtro, depois ele passou a fumar com filtro por causa do pulmão, mas desses pequenos. Tinha o grande e tinha o pequeno. Ele fumava dois, quatro, cinco carteiras de cigarro por dia.

Na Europa não tinha Continental, então ele fumava Chester Field, e quando eu dizia pro Hélio (o cara era médico, né?): “Hélio, o homem está ficando nervoso”. O Hélio dizia: “Chester Field no homem”! (risos).

Esse Hélio também era do Partido?

⁵⁷ **Alex Amorim de Miranda** [1956], advogado, nasceu em Maceió no dia 14 de abril de 1956, é filho do casal Nilson Amorim de Miranda e Manoela Mendes de Miranda. Bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito de Maceió (Fadima), foi defensor público, consultor jurídico (atualmente esse cargo é denominado de Procurador de Estado), é procurador da República, membro do Ministério Público Federal – MPF, no estado do Rio de Janeiro, todos esses cargos que exerceu foram através de concursos públicos. Antes de entrar para o MPF, foi militante e dirigente estadual do PCB em Alagoas na década de 1980.

Não, amigo nosso.

Vocês chegaram a Moscou como turistas?

Sim, como turistas.

Não foi uma delegação?

Não; quer dizer, havia a delegação do partido. Vieram uns caras de São Paulo, eles mandavam no negócio. Tinha um velho professor no meio. Inclusive, esse professor Chester falava russo, dizem que fluentemente. Era professor de inglês e russo em São Paulo, de modo que o Jayme me disse que ele me tratou bem e me deu uma cobertura fantástica. O Chester com aquele carrinho vermelho dele me levou para todo canto. Ele se fez de amizade pela rapaziada do norte, de modo que disse: “Damasceno, eu quero que você pele a minha cabeça”. Eu pelei a minha e a dele: “Eu quero que você pele a minha cabeça”. Eu disse: “Professor, eu não sei pelar a cabeça com a gilete”. Fui fazer a depilação do Chester. Ele ficou muito meu amigo, era um preto. Naquela época já era cinquentão, mas uma pessoa muito saudável.

Tem um episódio em Paris, interessante.

Em Paris, rapaz...

Vocês foram do Rio e do Rio pra Lisboa?

MD: Do Rio para Viena, no navio. Nós fizemos a viagem a bordo do Cabo de São Vicente. Uma coisa curiosa: quando o navio fez a primeira viagem pela América Latina estava novinho. Depois de três meses no Mediterrâneo, quando nós voltamos - você pensa que o povo europeu é educado como a gente? São uns cafajestes! (risos), esculhambaram o navio todo. Foi um negócio chocante porque o navio chegou novinho no porto de

Gênova, deixou a gente e passou três meses rodando no Mediterrâneo. No Norte da África o pessoal é muito atrasado.

O europeu massacrou aquele povo, de modo que não pôde massacrar a gente. Nós somos mais educados por isso. O europeu massacrou quem? Ora, o povo do sul, o povo grego, do sul do Mediterrâneo e do Norte da África, é a Bacia do Mediterrâneo. Chamou a minha atenção como o navio estava estragado! Era o ferrolho arrancado do navio, o diabo! Eu fiquei escandalizado como é que o navio se esculhambou daquele modo em três meses. Eu não sei se é revolta dos negros porque são massacrados no Norte da África. Deve ser. Mas a nossa cultura é mais avançada. O que eu notei foi isso. Nós temos uma cultura.

Os pobres dos negrinhos do Norte da África, do Marrocos, são mais mal-educados. Mas tem uma razão de ser porque massacraram aquele povo. É o que eu penso. Eles não fazem aquilo de graça, fazem por alguma coisa. Eu sei que nós passamos em Viena⁵⁸ 15 dias, aquela festa. No último dia do festival tiveram umas cenas: eles faziam um jardim humano, uma coisa bonita, rapaz... aqueles artistas transformados em flores! Foi muito grandioso. Quando nós chegamos em Moscou, a mesma cena do jardim. E a cena de Viena se apagou.

O negócio em Moscou foi grandioso mesmo. Basta dizer a vocês que eram três mil artistas numa cena. Tu já pensaste? Todos de macacão. Você não via nada. As moças e os rapazes, todos de macacão. Com pouco tempo se formava o jardim. Aquelas flores abrindo e fechando, com jato de luz, como se fosse a madrugada. Aquelas cores maravilhosas, o verde, o rosa, um negócio fantástico! Tanto assim, que um médico do Rio Grande do Sul, o Valter, disse: “Damasceno, valeu à pena a gente ter vindo à Moscou só pra ver isso!”. Eu respondi: “É, Valter, valeu à pena a gente ter saído da América do Sul só pra ver isso aqui”.

Mozart, lá vocês tiveram contato com o partido, em Moscou?

⁵⁸ O 7º Festival Mundial da Juventude e dos Estudantes foi realizado em Viena, capital da Áustria, em 1959, tendo como lema: Pela Paz, Amizade e uma coexistência pacífica. Estiveram presentes 18 mil participantes de 112 países. http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en%7Cpt&u=http://www.radiohc.cu/ingles/a_especiales/festival/festivals.htm

Não tive, pra dizer a verdade, não tive. Naturalmente Jayme, a rapaziada mesmo da pesada. Esse pessoal, eu acho que teve. Eles tinham lá uns papeados que eu não tomava parte (risos).

Uns terê-tê-tê de pé de ouvido, não é?

É, como diz o menino lá do Bem Amado. Pois bem. Em Moscou foi uma beleza, nove dias, um povo tranqüilo, educado. O povo de Moscou é um povo educado, sabe? E eu curioso. É que nós fomos visitar o túmulo de Lênin e a Praça Vermelha estava “assim de gente”, tudo do interior da União Soviética. O povo da União Soviética no verão vai pro campo e o povo do campo aflui para Moscou. A Praça Vermelha estava topando e a nossa delegaçõzinha lá pra ver o túmulo de Lênin.

Mais um cara do Banco do Brasil de São Paulo disse: “Damasceno, vamos tomar um sorvetinho?” E eu caí na besteira de tomar um sorvetinho. Eu e mais uns dois, um cabra de Goiás... Nós levamos um minuto pra comprar o sorvete, o negócio é mecânico lá, não tem gente pra atender. A gente bota a ficha e pronto. Mas, rapaz, num minuto que eu procurei - o nosso grupo tinha noventa e tantas pessoas - cadê o povo? Ficamos na mão. Eu falei: mas rapaz, a gente vir daquele fim de mundo pra ver um negócio importante desse e não ver! Já pensou?” Aí o cara pra consolar a gente - o mesmo que provocou o incidente, o cara do Banco do Brasil - disse: “Mas, afinal, nós vamos ver duas múmias”. Eu tava “por aqui”. E andamos pra cá, pra lá e cadê os homens? A gente se perdeu de noventa e tantas pessoas.

No outro dia conseguimos. Anatólio era um menino filho de pai polonês e mãe gaúcha. Graças a esse conchavo matrimonial, amoroso, sentimental, romântico, é que nós tivemos a felicidade de engrenar o negócio. Anatólio era nosso intérprete. Falava o russo fluentemente. Engraçado... quando ele falava português, gaguejava. Eu disse: “Tu fosse criado no Rio Grande do Sul e gagueja quando fala o português, já no russo - eu não entendo - vejo que tu falas afiado que não dá um nó”.

Afinidade ideológica. (risos)

Ele respondeu: “É, Damasceno, porque eu tenho a felicidade de falar português quando chega uma delegação assim e o russo eu falo diariamente, o russo eu falo o dia todo”.

Ele morava lá?

Ele morava em Leningrado. Ia à Moscou quando vinha uma delegação com portugueses. Eu falei: “Mas rapaz, a gente vir daquele fim de mundo”. Aí contei a história que nós nos perdemos. E ele: “Não, não tenha receio, eu já vim umas dez vezes à Moscou e ainda não tive oportunidade de ver. Mas amanhã a gente ver, eu levo vocês lá”. De fato. Nessas lojas Gum⁵⁹ nós compramos um presente pra ele. Não era preciso, o cara era legal demais, mas por cortesia, nós resolvemos dar um presente. Não lembro mais o que foi. E a Praça Vermelha topando de gente, do mesmo jeito.

O povo ama aqueles dois caras - Lênin e Stálin. Aí entrou um oficial russo. Magro. Um oficial russo, mas doente, como se nunca tivesse se preocupado com os ferimentos de guerra. Aquele homem estava com jeito de enfermo. Ferido de guerra, certamente. O Anatólio disse: “Eu vou dizer uma mentirinha para aquele oficial pra ver se ele faz a gente entrar”. Aí o Anatólio se dirigiu pra ele e nós três ficamos cá. O cabra traçando o russo afiado lá com o oficial e ele – o oficial – olhou pra gente com uma simpátia, que eu disse: “Rapaz, a barra tá colando ali, o oficial olhou e riu com simpátia pra nós”. Aí o Anatólio fez sinal. A gente tudo treinado pra saldar o oficial. Anatólio orientou a gente. Eu treinado nesse negócio de comércio, fica mais afiado: “Dobrenetch Tovaritch”!

O oficial com aquela gentileza e o menino a mesma coisa. A gente seguiu por ali afora. Quando chegou na porta do negócio, gente por peste para entrar. Já tinha muita gente dentro. Aí o oficial dizendo quem era a gente. Tudo por causa da mentira de Anatólio. Eu notei o povo olhando com aquela curiosidade pra gente, dando aquela importância. A

⁵⁹ **Gum**, loja de departamentos localizada na Praça Vermelha em Moscou, nessa época não havia shopping Center, mas era possível comprar roupas, equipamentos etc. Essa loja foi por muitos anos a maior de Moscou.

'maquinazinha' estava lá. A máquina fotográfica tinha que deixar, era proibido fotografar. Entramos na maior maciota. O oficial teve a gentileza de conduzir a gente. Ia botar a gente na frente de todo mundo, mas ele pensou – como eles são corteses, viu? – e não botou na frente não, botou umas cinco pessoas na frente e colocou a gente por detrás.

Ficava uma coisa ofensiva botar na frente da rapaziada que estava lá. E as moças russas, gordas, sadias, coradas, conversando entre si: "pei, pei, pei". Então falei: "Anatólio, o que é que as meninas estão dizendo?" Anatólio respondeu: "Elas estão se perguntando que língua é essa, porque não é inglês, não é francês, não é italiano, não é alemão. Elas dizendo: 'que língua é essa?'" E eu: "Ah, rapaz! Diga à elas que somos do Brasil, português, que queremos bem ao povo russo". Aí ficou aquela camaradagem danada. Demos presentes às moças e tal. Que povo, rapaz! Tudo bacana.

Teve um lance que você me contou: você viu na rua a preocupação do jovem russo pelo seu relógio.

MD: Tudo que é estrangeiro eles gostavam. É uma coisa inerente à própria juventude. Um russo de idade não dá liberdade de se aproximar, mas o jovem é curioso. E eu notei que eles têm dinheiro. Eles são endinheirados e não têm no que gastar. Quando viam um relógio imitação de ouro, eles partiam cegos pra comprar. Então eles perguntaram o preço do relógio do Simino, um judeu de São Paulo. Simino com aquele ar de desprezo. Então dei-lhe uma lambada de feder a fogo. Nesse ponto eu sou atrevido. Sou cortês, não sei fazer uma descortesia pra ninguém, mas numa ofensa, eu não resisto.

Quem é esse rapaz?

É um rapaz de São Paulo, Judeu. Quando o russo perguntou em inglês quanto ele queria pelo relógio, ele respondeu e eu notei que o menino ficou acanhado. Não entendi o que ele falou em inglês, mas deve ter dito alguma coisa que o menino ficou acanhado, que não agradou. Aí o menino veio a

mim e perguntou quantos rubros eu queria pelo relógio. Perguntou em inglês. Antes de falar o preço eu disse a resposta pro Simino. Falei: “Ele pode não ter dinheiro pra comprar o teu porque o teu é de ouro, mas o meu, que é imitação, talvez ele tenha dinheiro pra comprar”. Mas você nunca deve julgar pelas aparências. O rapaz está de camisa, como eu estou aqui, mas eu tenho três mil dólares. Mas eles entenderam treze. Na veemência que disse, eles ouviram treze.

Quando eu disse a resposta o menino não entendeu uma palavra de português, mas entendeu que eu estava inquirindo ele. É um rapazinho de dezesseis, dezessete anos. Perguntou quantos rubros eu queria pelo meu, eu disse oitocentos. Ele ofereceu quinhentos. Eu disse em inglês: “só dou pelos oitocentos”. A gente tinha que visitar a exposição do Sputnik⁶⁰. Ele veio e botou seiscentos, setecentos... Eu repeti: “Só dou pelos oitocentos”. Então ele me ofereceu oitocentos - cem notas de rubros. Eu disse: “Será possível? Mas você não tem dinheiro falso (risos)?”. Eu cobre um preço que tava matando o rapaz até o cabelo da cabeça. O relógio tinha me custado mil e quinhentos cruzeiros aqui e eu cobrando doze mil cruzeiros lá, já pensou? Estava roubando o rapaz. Fiquei desconfiado.

Já para não vender mesmo, não era?

Pra não vender. Mas esse Simões Simino falou daquele jeito com o rapaz, então me zanguei. Está ligado o negócio (gravador)?

Está.

Não continuo porque o gravador tá gravando (risos).

⁶⁰ **Sputnik**, nome do primeiro satélite artificial colocado em órbita da terra, fato que ocorreu no dia 4 de outubro de 1957, pela então poderosa União Soviética. O lançamento do satélite foi na Unidade de teste de foguetes no deserto de Tyuratam no Cazaquistão, atualmente essa área é conhecida como a Cosmódromo de Baikonur. Fonte: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Sputnik>

Mas pode dizer, este gravador é democrático.

É democrático? Eu disse: “Esses bostas tem dinheiro pra comprar um relógio desses?” Aí, quer dizer, me revoltei. Um sujeito convidado, visitando um país estrangeiro e andar com um linguajar desses com o povo. É um cafajeste! Pode ser quem for. Até eu. Se eu me comportasse dessa forma, eu seria um cafajeste. Por isso que eu dei uma lambada nele de empenar. Aí ele ficou me respeitando. Ele é um grandalhão, maior do que eu, uma draga! Eu falei: - “Se se meter comigo, dou-lhe é uma facada (risos), entendeu?” Ele tratou o rapaz com desrespeito, cafajestada.

Você vendeu o relógio lá ou não vendeu?

Vendi, vendi. Eu comprei uma máquina Kit que é uma máquina famosa de Moscou. Máquina popular. Tem coisa muito mais fina, mas essa Kit é uma das mais populares e famosas - digo, melhores de lá. Comprei um artigo, comprei coisa por peste com esses oitocentos rubros que correspondiam a doze mil cruzeiros. Então o professor que é da Paraíba e advogado, Afrânio Pessoa de Lima, chegou e disse: “Muito bem!” Porque Simino e Simão, que deram essa bronca no menino, estavam vendendo tudo: sapato, camisa, terno, etc. Foi estrangeiro, os meninos estavam tudo doido em cima. O professor até disse: “Simão e Simino não vieram visitar a Rússia, vieram foi negociar (risos)”. Foi uma observação corretíssima que ele fez. O sem-vergonha com esse papo furado.

Esses bostas não têm dinheiro...

Tinha pra esfregar na venta dele e na minha, porque dar doze mil cruzeiros numa peste daquela que é só imitação de ouro, só tendo dinheiro de sobra. Eu dei pra não vender. Eu não estava com vontade de vender mesmo não. Mas tinha me custado mil e quinhentos, eles me deram doze mil. Mas eu comprei lá e deixei o dinheiro lá (risos).

Mozart, você ficou de falar do que aconteceu em Paris, com Jayme Miranda.

Ah, sim! A gente procurando a rua...

Mas isso foi depois ou antes de chegar á União Soviética?

Não, foi depois, estávamos voltando da União Soviética.

Estavam em Viena, Moscou?

Moscou; depois voltamos. Passamos também por Varsóvia. Estávamos procurando um Hotel em Paris. O Jayme dizia: “É por aqui”. Edler andava, andava, e dizia: “Não, é por aqui, Jayme”. E eles então começaram a discutir. Eu disse: “Vocês querem uma opinião correta? Vamos pegar um táxi e dar o endereço pro taxista, ele bota a gente na porta. Vocês estão brigando por besteira”. E Jayme: “Não, que você nunca dá razão a mim”. Eu falei: “Eu não dou razão a ninguém, mas vocês dois estão errados (risos). Vocês conhecem Paris? Vocês estão sabendo se estão andando certo pra lá ou pra cá (risos)?”. Eu me diverti em Paris, sabe? Nós fomos ao Folies Bergère. Tivemos sorte, a Josephine Baker estava dando um espetáculo. Rapaz, um colega meu disse a gente: “Vocês não percam a Josephine Baker”. Mas não houve tempo.

O strip-tease não deixou? (risos)

Eles estão tão acostumados com aquilo, que recebem na maior educação. A gente aqui, pra’qui, pra’colá, uma piada. E o povo já tão decente, acostumado com aquilo, que é o maior respeito. Parece que não está vendo nada.

Como se estivesse analisando uma exposição de arte.

É assim, rapaz. Tem bem uns dez ou doze. Tudo de melhor a melhor. Eu tava endinheirado e queria um negócio mais caro pra ser melhor (risos), mas a rapaziada de São Paulo que estava com a gente sempre opinava por um “negocinho dum precinho” melhor (risos), mais popular. Quando a gente já estava voltando, ia atravessar o Trópico que divide o Equador, a gente fez uma festinha a bordo. Os paulistas com a gente. Eu paguei uma coisa, Napoleão pagou outra e cada um pagava uma coisinha. Falei: - “A rodada agora é paulista, a barra é pesada (risos)”. Mas os caras são assim, compadre (mão fechada). A gente até faz figura comparada com eles. Acostumados a economizar, ficam assim.

Paulista é pechincheiro mesmo.

Virgem Maria! Eu caí na besteira. Em Viena, o Goulart⁶¹ ia cantar com aquela menina, a Nora Ney⁶². Eu comecei a fumar o cigarrinho do menino e não me lembrei que o menino era estudante. Uma marca nossa da Souza

⁶¹ **Jorge [Goulart] Neves Bastos [1926]**, cantor, nasceu no Rio de Janeiro, filho do jornalista Iberê Bastos e de Arlete Neves Bastos, estudou no Colégio Pedro II e desde muito jovem gostava de música e em casa cantava as músicas dos seus cantores preferidos entre eles estavam: Francisco Alves, Vicente Celestino, Orlando Silva e Carlos Galhardo. Durante a década de 1950 esteve em excursões por vários países do Leste europeu em companhia da cantora Nora Ney, com quem se casou, realizando shows, esteve na China e na URSS. Quando ocorreu o golpe militar em 1964 teve o nome incluído na lista dos demitidos da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Foi militante do PCB. Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/jorge-goulart>.

⁶² **Iracema [Nora Ney] de Souza Ferreira [1922-2003]**, nome artístico adotado pela cantora, nasceu no Rio de Janeiro. O pai Dárcio Custódio Ferreira, funcionário da Camada dos Deputados, ao tomar conhecimento que a filha havia aprendido sozinha a tocar a Valsa de cristal ao violão, apenas observando as aulas que as irmãs tomavam com uma professora particular, resolveu comprar um violão e presentear-lá. Tempo depois é que Nora Ney foi estudar música, solfejo e leitura musical. Casou-se em segunda núpcias com o cantor Jorge Goulart, ambos militantes do PCB. Foram perseguidos durante o golpe militar de 1964, tiveram inclusive de se auto-exilar. Em 1992 depois de 39 anos de vida em comum resolveram se casar oficialmente. Meses depois quando realizava um show no Fluminense (Rio de Janeiro) sofreu um AVC que lhe deixou seqüelas e fez com que encerrasse a carreira artística. Faleceu em 2003. Fonte: <http://www.dicionariompb.com.br/nora-ney>

Cruz, uma coisa rara. Eu gostando do cigarrinho dele, estava com saudade daqui. Fumei uns dez cigarros. O cabra arrepiou (risos) e disse: “Mas companheiro, tu está emendando que só um rosário, olha! (risos)”. Eu falei: “Companheiro, você desculpe (risos), eu me distraí, realmente, você é estudante, não pode fazer essas extravagâncias”. Pedi desculpas, me levantei, comprei uma carteira nova, dei pra ele e continuei fumando na dele. Tem essas coisas engraçadas na viagem. (pausa para o almoço).

Mozart, como existe a camaradagem, né?

Exato. Pode fazer qualquer pergunta.

5º Capítulo

O financiador dos comunistas

Aqueles que trabalham precisam usufruir do resultado do seu trabalho, e o capitalismo é um sistema concentrador de renda, que não reparte. Isso é uma verdade científica. Isso eu digo aqui, no exército, em todo canto, porque é uma verdade objetiva.

Qual era a sua relação com os sindicatos de trabalhadores e mais especificamente com José Graciano e Rubens Colaço?

Eu não tinha relação direta com os sindicatos, mas tinha relação com o Graciano e com o Rubens Colaço. Quando eles me procuravam, eu sempre atendia na questão financeira. Eu nunca atuava diretamente, eu nunca ia à reunião, mas quando me procuravam eu ajudava. Tanto assim que o cara disse: “Eu sei, não se compromete, mas ajuda financeiramente”. Ele frisou essa questão de modo que os meninos falavam pra eu subscrever. Eu dizia: “É de coração, é como se eu tivesse assinado tudo”. Culturalmente eu sou um revolucionário, eu tenho uma mente revolucionária, li bastante, li várias obras, li o *Anti-Dhuring* e aquela coleção *Romances do povo*, do Jorge Amado toda. Li obras de Engels. *A origem da Família, do Estado, da Propriedade Privada*. Quer dizer, ideologicamente um revolucionário só se faz conscientemente. Não se torna revolucionário de supetão, tem que ter uma consciência revolucionária e essa consciência revolucionária eu tenho. Ninguém há de me modificar, é uma consciência científica, com muita honra eu digo isso.

Um dia um amigo meu, que é fazendeiro, falou: “Mozart, você é um sujeito bom, uma pessoa excelente, só tem um defeito: é comunista (risos)”. Eu disse: “Posso ter todos os defeitos. Essas virtudes que você acaba de dizer que eu tenho, essa consciência revolucionária é porque eu, na prática, me comporto como você: como um burguês. Eu sou um explorador do povo, como você é, como todos são aqui. Agora, o que eu tenho de bom é essa consciência revolucionária, entendo as coisas de um ponto alto”. E

realmente é. A consciência revolucionária, ninguém há de modificar. Eu realmente entendo as coisas de um modo certo.

O importante não é você ignorar. É mais importante que você saiba que tem um mundo de micróbios lhe rodeando dentro do aspecto científico, do que ignorar. É como a consciência revolucionária. O meu meio de vida é burguês. É o meio da minha subsistência.

Sou comerciante, mas tenho um mérito de ter essa mentalidade privilegiada. Eu procurei uma senda da verdade. A senda que olha os caminhos que o povo precisa compartilhar. Aqueles que trabalham precisam usufruir do resultado do seu trabalho, e o capitalismo é um sistema concentrador de renda, que não reparte. Isso é uma verdade científica. Isso eu digo aqui, no exército, em todo canto, porque é uma verdade objetiva.

Não vai modificá-la.

Não posso. Eu tenho uma consciência correta, tenho uma dialética, eu conheço a teoria da mais-valia. É a pedra angular do marxismo, entendeu? Eu conheço um pouco de biologia também. Fiz o curso científico – o curso de ginásio, que era científico naquele tempo - e eu não tenho inveja de quem tem seu diploma. Escrevi alguns artigos pra jornais, tenho uns contos que são interessantes. Eu estou satisfeito com a minha vida. Tenho em mim uma consciência formada, isso é importante. E isso eu transmito às pessoas que me cercam.

O mundo não vai continuar como está. Nós temos aqui umas quarenta ou cinquenta famílias explorando mil e quinhentas, duas mil, essa é que é a verdade, o mundo não pode continuar desse jeito. Quer dizer, o homem sabe construir foguetes pra ir à lua, o homem vai à lua, desce e, no entanto, o cidadão que trabalha, morre numa casa de taipa, chapado pelo barbeiro; morre antes do tempo por verminose. É uma contradição gritante, impressionante, e o mundo não pode continuar assim. Graças à concepção científica que o homem adquiriu e que vai prevalecer inevitavelmente. É questão de tempo. O desenvolvimento da humanidade é desigual, vocês sabem disso. A sociedade não se desenvolve no mundo igualmente.

Quando tem uma União Soviética, que vocês sabem que é o movimento portador cultural, desenvolve-se na União Soviética o científico, procurando trazer o melhor pra humanidade, enquanto isso, nas cubatas africanas - e aqui mesmo - você vê um sujeito morando numa tapera.

Isso mesmo eu disse num discurso, arrasando com o Pedro Timóteo. Ele me odeia porque eu amo o povo e tenho a pretensão de dizer – isso eu dizendo no discurso – que a humanidade viverá melhor. O homem do futuro viverá numa casa decente, com eletricidade, com piso decente de mosaico, com lavanderia, com seu aparelho sanitário, com trabalho garantido por lei, com sua alimentação decente e com a cultura para seus filhos. Eu vivo nessa esperança.

Antes de morrer espero que ocorra aqui esses movimentos maravilhosos que estão ocorrendo no mundo, de transformação da humanidade. Afinal de contas o homem é inteligente. 90% ou 95% da população não vão se deixar viver submissa, humilhada e ofendida. Sempre haverá luta para o progresso. Os dias e as noites brilharão melhor para a humanidade. Isso é uma verdade. Eu me orgulho de participar desse movimento cultural que deseja uma vida melhor para a humanidade. Esse é que é o fato científico e verdadeiro.

Mozart, como explicar a adesão ao Partido Comunista de pessoas como Napoleão Moreira, Ernane Maia⁶³, Maninho Calheiros⁶⁴, e outros que você sabe, são de origem burguesa, são empresários rurais, que entraram

⁶³ **Ernani Maia Lopes** [1918-1985], agropecuarista, plantador de cana de açúcar nos municípios de Atalaia (AL) e Capela (AL). Em 1946, foi candidato a deputado estadual, pela legenda do PCB, obteve 53 votos, não conseguindo se eleger, preso em 1948. Foi um dos principais contribuintes financeiros do PCB, em Alagoas, nas décadas de 1950 e 1960. Em 1964, os militares deram o golpe e derrubaram o presidente João Goulart, novamente é preso desta vez na Penitenciária em Maceió. Teve os contatos com o PCB reatados por intermédio do jornalista Nilson Miranda, durante o processo de reorganização do PCB em 1980 e voltou a contribuir financeiramente com o Partido, inclusive nas campanhas eleitorais, destinando cota extra como ajuda aos candidatos apoiados pelos comunistas.

⁶⁴ **Manoel [Maninho] Calheiros**, empresário do ramo de transporte, pecuarista e proprietário de posto de combustível, foi preso em 1964, acusado de pertencer o Partido Comunista Brasileiro – PCB, antes de ser preso ajudou o jornalista e vereador Nilson Miranda a fugir do cerco que se formou para prendê-lo, comandado pelo delegado Rubens Quintela. Era militante do PCB.

para o PCB e contribuíram financeira, cultural e politicamente com o partido?

Exato. É a consciência revolucionária. Se tiver a consciência atrasada, ele não vislumbra esses aspectos que eu acabei de enunciar. Ele é miserável, sempre pensa em ganhar dinheiro. É o tio Nônô, o seu Nônô da novela das sete, de *Amor com Amor se Paga*. Quer dizer, é uma deformação psicológica. Mas quando você tem uma consciência, evolui cientificamente. Quem não entende os problemas do progresso da humanidade, não pode dar uma assistência. Não pode porque é atrasado culturalmente. Agora mesmo o partido está numa campanha para adquirir verba para a legalização⁶⁵; se negar é porque não tem uma consciência revolucionária, está falseando. É uma consciência oportunista.

O que você acha que fez com que estas pessoas adquirissem essa consciência revolucionária? Você deu o exemplo daquele cearense...

Ele pode ter obtido de uma forma diferente, através de jornais. As histórias que me contavam desde menino, que o coronel da Pedra Branca, o coronel Barros⁶⁶, pegava os homens, matava, tirava as orelhas, já me calavam como uma coisa revoltante. Eu não conhecia que era uma questão de classe. Eu olhava pelo lado romântico, mas depois que o cara veio me dizer que existia o Poder Soviético, o livro do reverendo - era até um padre inglês, um protestante, reverendo Giulette Jonhson.

Quem é esse cearense?

⁶⁵ O diretório nacional do PCB lançou para todo o país uma campanha de arrecadação de finanças para fazer face as despesas com a campanha pela legalização e ampliação do trabalho político em nível nacional. O PCB foi legalizado no dia 8 de maio de 1985, nos primeiros meses do governo de José Sarney.

⁶⁶ **Francisco de Accioly Barros – Major Barros** [1858-1936], filho do imigrante italiano Francisco de Paula Accioly e da brasileira Mariana Freire de Vasconcelos, nasceu em 4 de outubro de 1858, na freguesia de Murici (AL). Era proprietário do engenho Pedra Branca, morreu no dia 23 de dezembro de 1936.

Era um viajante de tecidos. Esse cidadão morreu num acidente aqui. Ele fez três livros e andou vendendo. Eu comprei. Inclusive, naquelas campanhas de Stalingrado, em plena guerra, ele atuava nos comícios. Era um cearense brilhante. Não tinha uma cultura, ele não sabia nem fazer os diálogos no livro, mas tinha uma experiência tão grande que fez os livros. Eram narrativas. Eu falei: - “Você tem uma experiência de vida. A vida foi quem lhe deu experiência para você escrever e publicar esses livros”. O cara achou que o livro era tão grande que deveria dividi-lo em três. As experiências, ocorrências de viagens era um negócio interessante. Ele era um revolucionário, era casado até com uma parente, a tia de um homem chamado Paulo, não me lembro o sobrenome dele. Ele foi juiz e é desembargador hoje. É casado com uma sobrinha, mas é um sujeito notável. Você conversava com ele e ele convencia. Ele tinha uma arte de exposição que era coisa interessante. Era Francisco Monteiro de Lima, o nome desse rapaz. Paulo⁶⁷... Eu não me lembro do desembargador, não me ocorre agora.

Mozart, o Partido procurava você na época da campanha eleitoral, mas no período da organização dos sindicatos rurais, durante as lutas camponesas em Pernambuco, eles nunca vieram fazer contato?

Não. Se tivessem me procurado eu teria me lembrado, teria conhecimento, mas não me lembro disso.

Talvez porque você não era uma pessoa diretamente ligada ao sindicato.

⁶⁷ **Paulo da Rocha Mendes [1929]**, advogado, desembargador, governador interino de Alagoas, nasceu em 1º de agosto de 1929, em Maceió, filho de Luiz dos Reis Mendes e Ana Rocha Mendes. Estudou do primário ao científico no Colégio Batista Alagoano. Concluiu o curso de direito na Faculdade de Direito de Alagoas em 1953. No ano seguinte ingressou na magistratura, sendo, em 1956, nomeado juiz de direito da comarca de Piranhas e, posteriormente, das comarcas de Arapiraca, Murici e, em 1992, de Maceió. Em 1993 é nomeado desembargador, tendo inclusive sido presidente do Tribunal de Justiça de 1985 a 1986. Em 1985, como presidente do Tribunal de Justiça assumiu interinamente de 16 a 18 de maio o cargo de governador do Estado. Ainda em 1986, entre 19 de maio a 10 de agosto, ocupou, por sete vezes, o cargo de governador. Aposentou-se em 4 de maio de 1999. Foi na juventude um simpatizante do PCB.

Mas a rapaziada quando chegava aqui me procurava.

Era o contato. É a mesma coisa que ir em Pilar e não ir na casa do Zezinho do Pilar⁶⁸, né? Tem que ir.

Acho que era uma coisa assim, não sei. Zezinho do Pilar eu não sei quem é, mas eu era o contato mesmo. Eles tinham todo o meu apoio. Mas o sindicato daqui, rapaz... é uma confusão. Existe, mas a burguesia é quem tomou conta. O de Branquinha é um sindicato ativo. Não sei se vocês conhecem, mas o sindicato de Branquinha funciona, mas o daqui... O doutor Artur, integrante da Leão⁶⁹, que nomeou o cara (risos) e o cara não faz nada. Aqui não existe, não tem jornal que dê uma questão local. Inclusive, Olavo, que foi juiz daqui, tomava um grogue, uma cervejada boa - também para agradar os usineiros de lá - e andava dando umas caçapadas no cara, com a polícia e tudo. Mas o doutor se estrepou. Ele fez um protesto da peste, foi pros jornais e tudo. O negócio deu bode. O sindicato de Branquinha, vocês podem procurar se informar, é ativo. Mas aqui parece que não existe, principalmente depois que tomou conta o doutor Artur, que é da Leão, e botou o rapaz. Eu fui tratar do caso desconfiado, porque a fama aqui, muito embora eu não atue, é “que o homem é comunista”.

⁶⁸ **José Sá Cavalcante [Zezinho do Pilar]**, barbeiro, nasceu em Pilar (AL), filho de Pedro Rodrigues dos Santos e de Maria Sá Cavalcante, casou-se com Maria Augusta Cavalcante. Membro do diretório municipal do PCB em Pilar, contribuiu decisivamente na formação do sindicato dos trabalhadores rurais do município. Distribuíria regularmente o jornal semanal do PCB, A Voz do Povo, na cidade, era voluntariamente o correspondente local do semanário dos comunistas. Foi preso em abril de 1964, quando eclodiu o golpe militar, mantinha estreita ligação com o jornalista e comunista, seu conterrâneo, José Cabral Irmão [Zito Cabral], que também fora preso em 1964. Consta no seu indiciamento que “serviu-se do serviço de alto-falante da Câmara de Vereadores de Pilar, para fazer propaganda comunista”. O advogado José Oliveira Costa, peticiona em favor do indiciado Ernani Maia Lopes, nos documentos enviados pela Auditoria da 7ª Região Militar, localizada em Recife, enviou essas informações extraída dos documentos procedentes de Maceió, em 8 de setembro de 1965.

⁶⁹ **Usina Central Leão Utinga**, indústria fundada por Manoel Joaquim das Silva Leão em 1894, ano em que moeu a primeira safra de açúcar. A indústria esta localizada no município de Rio Largo (AL). Referência: Carli, Gileno Dé. História de uma fotografia, Recife, Editora ASA Pernambuco, 1985, p.219.

Só isso é um estigma. (risos)

O cara ficou todo desconfiado, com medo de perder o emprego, a história é essa.

E você tinha contato com a imprensa, eles mandavam a *Voz do Povo*?

Eu recebia semanalmente. Nunca deixou de chegar.

Você era assinante?

Não, mas eles mandavam. Quando eles me procuravam eu era sempre assinante (risos).

Mozart, o Partido só te convocava ou pra comícios, ou pra festas, ou pra reuniões de finanças?

Não. Eu fui a uma reunião de finanças⁷⁰ em Maceió, lá na loja de Péricles⁷¹. Eu disse: “Jayme, não me chame mais pra esse tipo de reunião, porque você viu, o Péricles falou bonito (risos), a rapaziada da Moreira Lima⁷² falou da

⁷⁰ Esse tipo de evento era denominado de Ativo. O PCB realizava com relativa frequência esses encontros que se dividiam por áreas de atuação. Assim acontecia com os militantes mais importantes ou os principais dirigentes de bases, por exemplo no movimento sindical, estudantil, intelectual ou com empresários, como esse descrito por Mozart Damasceno. O PCB em Alagoas contou durante muitos anos com um grupo de pequenos empresários a maioria deles eram comerciantes, mas havia também proprietários rurais, usineiros. Os mais conhecidos eram: Péricles de Araújo Neves e sua irmã Maria Augusta Miranda (Marinete), Manoel Barnabé, Vitor (Criança), os irmãos Napoleão e Antonio Moreira, Ernani Maia Lopes, Maninho Calheiros e o próprio Mozart Verçosa Damasceno.

⁷¹ **Péricles de Araújo Neves**, comerciante, histórico dirigente comunista em Alagoas. Proprietário da loja A Preferida. Em vários momentos da história do PCB em Alagoas, foi preso sob a acusação de pertencer ao PCB, no dia 2 de maio de 1952, foi preso em companhia de outros dirigentes, conforme esta publicado na edição de 3 de maio, do jornal Gazeta de Alagoas, com a seguinte manchete: “ Desmorona-se o Comitê Estadual do PC em Alagoas.” Em 1º de abril de 1964, foi novamente preso, pelos militares golpistas.

⁷² **Rapaziada da Moreira Lima**, é uma referência, primeiro a avenida Moreira Lima, uma das principais ruas do Centro de Maceió, na avenida e no seu entorno estavam localizados vários estabelecimentos comerciais que pertenciam aos dirigentes e militantes comunistas: Péricles de

medida toda e eu calado, somente ouvindo”. Depois, um dos irmãos Costa⁷³, um era dono da loja de relógios, a Graciosa – e o outro, ele tinha uma alfaiataria - me disse: “Damasceno, você não diz nada?” Respondi: “Estou ouvindo os senhores falarem, não preciso falar”. E ele: “Mas diga alguma coisa”. Eles é que me provocaram. Aí eu disse: “Olhe, não entendo de muita coisa sobre o que vocês estão falando, mas de negócio eu entendo. Vocês falaram e falaram, mas vocês não disseram o principal. Pra fazer uma organização como vocês estão querendo, angariar renda para a imprensa do Partido, vocês precisam saber de qual capital podem dispor inicialmente. Porque é de acordo com o capital que conseguirem acumular que vocês vão partir, ou pra uma venda de vender banana, ou de vender carvão, ou uma livraria, ou uma farmácia.

Vamos verificar quanto nós poderemos obter para iniciar o negócio, vamos partir de um pressuposto: “Péricles, quanto é que você pode mobilizar no negócio?” Comecei pelo Péricles logo. Aí, o Péricles disse: “Ah, eu vou dar o balanço, ver os pagamentos que eu tenho essa semana pra depois dizer”. Eu falei: “Costa, aqui nesse momento, quanto é que você avalia que pode dispor?” E foi com a mesma enrolada.

O outro, que eu sabia que tinha negócio também, a mesma conversa. Eu disse: “Mas vamos partir de um pressuposto concreto, o mínimo. Eu, por exemplo, falo por mim (naquele tempo cem mil cruzeiros era muito dinheiro): mobilizo cem mil cruzeiros”. Estabeleci uma coisa concreta. Aí o Péricles disse: “Eu preciso ver o caixa, amanhã eu digo. E eu: “Amanhã, não é agora. Se puder somente mobilizar vinte mil cruzeiros ou trinta, você diz”. Aí o Péricles começou com aquela enrolada. Eu parti pro outro: “Vamos fazer uma segunda reunião, Jayme Miranda.

Araújo Neves e Maria Augusta Miranda (Marinete), Manoel Barnabé, os irmãos Joaquim e José Costa.

⁷³ **Joaquim de Oliveira Costa**, relojoeiro, comerciante estabelecido na Av. Moreira Lima, 148. As anotações da Delegacia de Ordem Política, Social e Econômica – DOPSE, indicam que se filiou ao PCB em 1944. Era membro da célula Octavio Brandão, no bairro da Ponta Grossa, em Maceió e dirigente estadual do PCB. Foi preso em 1951. Pertenceu à Aliança dos Retalhistas de Alagoas. **José de Oliveira Costa** [1911-?], nasceu em Marechal Deodoro. Alfaiate, comerciante estabelecido à Av. Moreira Lima, 241. Membro do PCB desde a juventude, fazia parte de um grupo de comerciantes que financiavam o PCB. Foi preso em abril de 1964.

Na segunda reunião o Péricles faz uma avaliação se pode mobilizar cem mil ou duzentos mil cruzeiros. Eu também parto pra uma avaliação mais avançada, uma reavaliação. Sei que o negócio só pode partir dessa premissa. Vocês não são comerciantes, mas a coisa é clara demais”. Tanto assim que eu disse ao Velho⁷⁴, no Rio. Um ferroviário de Pernambuco me levou ao velho, ele fez a abordagem, eu contei essa história ao velho Prestes⁷⁵ e ele achou muito engraçado, com aquela economia dele. De modo que a rapaziada gostava muito de mim, porque eu era decidido. Eu fazia ou isso ou aquilo. Eu sempre resolvia a coisa.

⁷⁴ O Velho a que se refere Mozart Damasceno é o então secretário-geral do PCB, Luis Carlos Prestes.

⁷⁵ **Luís Carlos Prestes** [1898–1990], militar e engenheiro ferroviário, nasceu em Porto Alegre, no dia 3 de janeiro de 1898, filho de Antonio Pereira Prestes (capitão do exército) e Leocádia Felizardo Prestes (professora primária). Estudou no Colégio Militar, inicialmente; seguiu estudando na Escola Militar, onde saiu aspirante em 1918, em 1919, completou o curso de engenharia, em 1920 colou grau como bacharel em ciências físicas e matemáticas e engenharia militar, foi promovido a sub-tenente, mas como foi o primeiro da turma é facultado escolher o local onde deveria servir, escolheu o Rio de Janeiro, onde estava residindo a família, a mãe e as irmãs, o pai, havia falecido em 1908. No posto de capitão do Exército, foi o comandante da *Coluna Invicta*, conhecida como *Coluna Prestes*. Exilou-se na Bolívia e na Argentina, foi contatado pelo escritor Astojildo Pereira, quando estava na Argentina, ingressou no PCB e foi morar na URSS. Foi preso em 1935, ficando até 1945 na prisão, sua esposa Olga Benário Prestes, judia alemã, foi enviada por Getulio Vargas para um campo de concentração na Alemanha, hitlerista. É libertado em 1945, o PCB é legalizado, candidata a senador da República pelo PCB, é eleito, recebendo a maior votação do Brasil. Durante décadas foi o secretário-geral do PCB. Em 1981 rompeu com o Partido e passou a atuar sem que houvesse se filiado a qualquer partido político. Prestes foi o mais importante comunista do Brasil e uma das grandes referências no movimento comunista internacional. Morreu no dia 7 de março de 1990, na cidade do Rio de Janeiro.

6º Capítulo

Encontro com Luis Carlos Prestes

O Jayme, me levou na casa do senador Prestes. Um preto que trabalhava na Tribuna Popular, com o Pedro Motta Lima⁷⁶, era quem estava montando guarda, era um dos homens de confiança de Prestes. Eu fiquei na esquina. O Jayme foi, conversou com o velho e ele autorizou: “Pode trazê-lo”. Pouco tempo depois o Jayme veio me buscar.

Você conheceu o Prestes?

Sim, eu tive oportunidade. Inclusive mandei um passarinho pra ele, quem levou foi o Lira⁷⁷. Ele levou um passarinho desses, amestrado⁷⁸, pro velho

⁷⁶ **Pedro Mota Lima** [1898-1966], jornalista, escritor, nasceu em Viçosa (AL), filho de Joaquim Pinto da Mota Lima e de Joana Rego da Mota Lima. Membro de uma família onde vários dos seus membros se dedicaram ao jornalismo e a política. Rodolfo, seu irmão, foi também jornalista e deputado federal por Alagoas, Paulo Mota Lima, seguiu a trajetória profissional como jornalista e militante comunista. Pedro Mota, entrou para o Partido Comunista Brasileiro – PCB e fundou na década de 1920 dois jornais: *A Esquerda* (1927), e *A Batalha*, ambos com vínculos com o Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1935 foi diretor e um dos fundadores do diário *A Manhã*, deu apoio ao Levante de 1935, com a derrota dos insurretos, o jornal foi fechado por ordem de Getúlio Vargas e o jornalista foi obrigado a se exilar em Buenos Aires. Em 1943 recebeu o indulto e regressou ao Brasil, voltou ao jornalismo diário, foi trabalhar no jornal *O Globo*. Participou como delegado ao I Congresso Brasileiro de Escritores, realizado na cidade de São Paulo, em 1945. Assim que o PCB foi legalizado em 1945, passou a dirigir o jornal *Imprensa Popular*, órgão de massas do Partido. Nas eleições constituintes de 1946 foi candidato a deputado federal por Alagoas, mesmo estando a várias décadas morando no Rio de Janeiro, autorizou que o seu nome fosse incluído na relação de candidatos a deputado federal, naquela época a lei permitia, obteve 2.088 votos. Morreu na antiga Tchecoslováquia num desastre de avião, em 1966.

⁷⁷ **Silvio da Rocha Lira** [1924-1991], operário têxtil da fábrica Carmem de Fernão Velho, dirigente do PCB em Alagoas, foi durante muitos anos secretário de organização do comitê estadual, administrador do semanário *A Voz do Povo*. Em 1958 foi candidato a vereador em Maceió, mas não obteve êxito. Quando ocorreu o golpe militar em 1º de abril de 1964, a polícia não o localizou, por isso não foi preso. Daí em diante passou a viver na clandestinidade, em Maceió; em seguida foi morar em Pernambuco. Na década de 1970, atuando em São Paulo, foi preso com outros comunistas, militares de variadas patentes vinculados ao PCB. Ficou preso no presídio do Hipódromo, sendo libertado em 1977, com a saúde fragilizada. O dirigente do PCB Marco Antonio Coelho, com quem dividiu a cela, diz que Silvio Lira foi acometido por: “distúrbio de fundo nervoso, perdeu os cabelos em ritmo acelerado e manchas brancas cobriram seu corpo. Em menos de três meses, em razão desses males, sua alteração fisionômica foi tão vertiginosa que chegou ao ponto de seu advogado, que ficou cinco meses sem vê-lo, não o

[Luis Carlos Prestes], até um tipo mais avançado, um tipo intermediário que eu tenho aqui. O Prestes teve a delicadeza de me fazer um cartão, muito atencioso, agradecendo.

Onde você conheceu o Prestes?

Rapaz, eu estava no Rio. Foi tudo por um acaso. Estava hospedado perto do Hotel Serrador.

Em que ano?

Em 1951, por aí, 1952. Sei que me encontrei com o ferroviário.

1961, 62, não?

Não, não. Foi nessa fase de 50⁷⁹. Não foi perto do golpe militar, não. Foi muito depois da “bendita de 64”. Pois bem, eu sei que eu me encontrei com ele, era um líder sindical, ferroviário de Pernambuco⁸⁰, eu estou esquecido

reconhecer.” Coelho, Marco Antonio Tavares, *Herança de Um Sonho – as memórias de um comunista*, Record, 2000,p.442.

⁷⁸ **Mozart Damasceno**, criava pássaros de várias espécies em sua casa, na cidade de Murici (AL), era caprichoso, construía as gaiolas sem que houvesse talhas, nada que houvesse qualquer indicativo de uma prisão tanto para os pássaros, quanto para quem os via. Os pássaros ficavam, depois de adestrados, presos através de uma corrente fina de metal envolta ao pescoço, em forma de coleira fixada na base da suposta “gaiola” desenhada num formato de foice e martelo – seu símbolo preferido – colocada fixada na parede e segura por um prego.

⁷⁹ **Mozart Damasceno**, confundiu o período em que se encontrou pela primeira vez com o então secretário-geral do PCB, Luis Carlos Prestes, no Rio de Janeiro, em 1959; como ele próprio afirma na sua última fala registrada a página 62.

⁸⁰ **Agostinho Dias de Oliveira** [1909 - ?], ferroviário, deputado federal constituinte eleito pelo PCB, em 1946, representando o estado de Pernambuco. A cassação do registro do PCB pelo TSE em 1947, alguns meses depois foram cassados os mandatos dos parlamentares comunistas. O antigo dirigente comunista e líder dos ferroviários de Pernambuco, diante dessa nova realidade, voltou a atuar na clandestinidade. Antes de ser ferroviário trabalhou na Usina Santa Rita; depois, foi empregado nas obras dos Portos de Cabedelo (PB) e do Recife. Foi caldeireiro da Great Western, liderou os trabalhadores da empresa inglesa por melhores condições de trabalho e por melhores salários. Ingressou no Partido Comunista Brasileiro em 1929. Várias vezes foi preso pela polícia em função das suas atividades políticas. Em Pernambuco foi um dos dirigente

do nome dele, tenho até um retrato dele. Gente boa, rapaz. Eu conheci esse cara por um acaso, em Belém. Eu tava procurando a Tribuna do Pará⁸¹ e ninguém me informava onde era.

A Tribuna do Pará era o jornal do Partido?

Exato. Era o órgão do partido, era um jornalzinho. Quando eu vi um sujeito altão, moreno, com o jornal no braço, parecendo ser do tipo da imprensa popular, eu disse: “Cavalheiro, o senhor poderia ter a gentileza de me informar onde encontro a Tribuna do Pará?” Ele falou: “O senhor de onde é?” E eu disse: “Sou de Alagoas”. Ele: “E procura quem aqui?”. Respondi: “Procuro o Dimas”. Ele disse: “Vou falar com ele agora, o senhor tenha a gentileza de me acompanhar”. O cara com a Imprensa Popular no braço só pode ser comunista. Aí, rapaz, foi uma festa quando nós encontramos com o Jayme Miranda⁸².

O Jayme Miranda nessa época estava morando lá.

Sim, estava.

Houve um episódio, inclusive: ele levou uma facada que pegou no pulmão. Foi mais ou menos nessa época, ele me contou uma vez.

Aliança Nacional Libertadora -ANL, com o fechamento da ANL, ficou preso entre 1935 e 1937. Em vários momentos da história do PCB pertenceu direção nacional em 1943, em plena vigência do Estado Novo, varguista. Em 1946, com o PCB na legalidade continuou no Comitê Central. Em 1960, no V Congresso Nacional do PCB, foi eleito membro do Comitê Central.

⁸¹ **Tribuna do Pará**, jornal do Partido Comunistas Brasileiro – PCB, seção do Pará, funcionou de 1946 a 1958, o seu primeiro diretor foi deputado estadual (PSP), Henrique Felipe Santiago no período de 1946/1949/1957/1958; o segundo diretor foi o deputado estadual (PTB), Imbiriba da Rocha, de 1950/1956; o terceiro e último diretor foi o jornalista, Francisco Ribeiro Nascimento, num curto período, de 31 de maio a 31 de agosto de 1958.

⁸² **Jayme Amorim de Miranda**, de 1954 a 1957, foi enviado pelo PCB para trabalhar na organização do PCB no estado do Pará. Em Alagoas havia passado um ano preso, ao ser solto com a saúde debilitada foi enviado para Recife onde recebeu tratamento médico, em seguida seguiu para Belém, onde viveu por três anos.

Eu nem sabia dessa facada, rapaz! Sei que convidei a rapaziada pra almoçar em Belém. Agostinho de Oliveira, parece - não tem um ferroviário com esse nome? Eu tenho um retrato (fotografia) dele e tudo.

Você me mostrou essa fotografia aparece você ao lado do ex-deputado federal Agostinho Dias de Oliveira e do então juiz de Murici, Paulo Mendes, foto tirada na porta do Bar das Ostras em Maceió.

Exato. É isso mesmo.

E como foi a sua estada em Belém do Pará?

Exato. Então, Agostinho me levou foi aquela festa. Depois Agostinho me mostrou Belém toda. Ele conhecia aquilo tudo, me mostrou aqueles pontos pitorescos. Depois ele me levou pra vários pontos importantes lá, que todo turista tem que verificar. Ele disse: “Em Manaus eu lhe encontro”. Houve qualquer imprevisto que ele não conseguiu. Mas ele me deu um endereço, que através desse camarada que eu procurei no endereço, tive até contato com o José Kairala⁸³ – suplente de senador pelo Acre, que foi acidentalmente assassinado no plenário do senado federal, pelo senador Arnon de Mello⁸⁴, que se defendia das agressões do também senador por

⁸³ **José Kairala**, [? - 1963], suplente do senador José Guimard, pelo estado do Acre, na legenda do Partido Social Democrático (PSD), quando foi assassinado no plenário do senado federal, estava assumindo no lugar do titular que havia solicitado licença, no dia 6 de julho de 1963. Na sessão do dia 4 de dezembro do mesmo ano, foi atingido no estômago por um dos três tiros disparados da tribuna pelo senador alagoano Arnon de Mello contra o também senador por Alagoas Silvestre Péricles de Góis Monteiro. Ambos eram inimigos políticos e pessoais e vinham desde o final da década de 1940 se desentendendo. No momento do fatídico acontecimento Arnon de Mello discursava respondendo as acusações que Silvestre Péricles lhe fizera. A característica fúria verbal do agressor e o caminhar em direção a tribuna do senado armado fez com que o orador saque a sua arma e disparasse em direção ao senador agressor mas atingiu o senador acreano, que ferido foi levado para o Hospital Distrital de Brasília, falecendo algumas horas depois. Os dois senadores, Arnon de Mello e Silvestre Péricles foram dominados, desarmados e aprisionados pela polícia do senado.

⁸⁴ **Arnon Affonso de Farias Mello** [1911-1983], jornalista, escritor, empresário do ramo imobiliário e de comunicação, nasceu em Rio Largo (AL). Exerceu os cargos públicos de deputado federal, governador e senador pelo estado de Alagoas. Em 1940 entrou para a Sociedade Brasileira de Antropologia, entidade presidida pelo antropólogo alagoano Artur Ramos, em 1944 foi eleito membro da Academia Alagoana de Letras. De 1936 a 1942, dirigiu o

Alagoas, Silvestre Péricles de Góes Monteiro. Através do Kairala, fui passear nos igarapés, comi uma peixada, tomei cerveja com um amigo dele... foi uma beleza em Manaus.

Mas foi no Rio que você conheceu o Prestes?

Foi no Rio de Janeiro, quem me apresentou ao Prestes foi o meu amigo Agostinho Dias de Oliveira, ex-deputado federal, fui levado ao escritório do Prestes que ficava na rua Senador Dantas, no centro do Rio de Janeiro, na Cinelândia.

A Rua do Hotel Ok.

Certo. Eu estava hospedado no Hotel Ok, quando eu encontro o camarada Agostinho. Agostinho me disse: “O Prestes está aí, você quer conhecê-lo?” Eu falei: “Ô gente, uma oportunidade dessa!” Ele deixou de atender um general para atender a gente. Batemos uma caixa⁸⁵ com o velho, uma primeira. Esse primeiro encontro foi em 1959, quando em companhia de Jayme Miranda, Napoleão Moreira e Edler Lins, antes de partirmos para a Europa. A segunda⁸⁶ ocorreu quatro anos depois, voltei a me encontrar com Luis Carlos Prestes. O Jayme, me levou na casa do senador Prestes. Um preto que trabalhava na Tribuna Popular, com o Pedro Motta Lima⁸⁷, era

Jornal de Alagoas, embora continuasse residindo no Rio de Janeiro. Publicou cinco livros de 1931 a 1957. Proprietário das Organizações Arnon de Mello, jornal, rádio, gráfica e televisão *Gazeta de Alagoas*.

⁸⁵ **Bater uma Caixa**, gíria usada em Alagoas, que significa conversar animadamente. **Uma Primeira**, significa foi muito bom, muito interessante.

⁸⁶ Acompanhando o raciocínio de Mozart o segundo encontro com Luis Carlos Prestes aconteceu em 1962, quatro anos após o primeiro, que foi em 1959.

⁸⁷ **Pedro Mota Lima** [1898-1966], jornalista, escritor, nasceu em Viçosa (AL), filho de Joaquim Pinto da Mota Lima e de Joana Rego da Mota Lima. Membro de uma família onde vários dos seus membros se dedicaram ao jornalismo. Rodolfo foi também jornalista e deputado federal por Alagoas e Paulo Mota Lima. Entrou para o Partido Comunista Brasileiro – PCB e fundou na década de 1920 dois jornais A Esquerda (1927) e A Batalha vinculados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB). Em 1935 foi diretor e um dos fundadores do diário A Manhã, deu apoio ao Levante de 1935 mas com a derrota dos insurretos, o jornal foi fechado por ordem de Getúlio

quem estava montando guarda, era um dos homens de confiança de Prestes. Eu fiquei na esquina. O Jayme foi, conversou com o velho e ele autorizou: “Pode trazê-lo”. Pouco tempo depois o Jayme veio me buscar.

A fita já está acabando. (conversação inaudível, final de entrevista).

Vargas e o jornalista se exilou em Buenos Aires. Em 1943 recebeu o indulto e regressou ao Brasil e foi trabalhar no O Globo. Participou como delegado ao I Congresso de Escritores brasileiro na cidade de São Paulo em 1945. Assim que o PCB foi legalizado passou a dirigir o jornal Imprensa Popular. Nas eleições constituintes de 1946 foi candidato a deputado federal por Alagoa, mesmo estando a várias décadas morando no Rio de Janeiro, autorizou que o seu nome fosse incluído na relação dos candidatos e obteve 2.088 votos. Morreu na antiga Tchecoslováquia num desastre de avião, em 1966.